



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

APARICIO MARQUES VIEIRA

**DA BANCADA AO MERCADO DE TRABALHO: DESAFIOS DOS JOVENS
GUINEENSES FACE AO DESEMPREGO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

APARICIO MARQUES VIEIRA

**DA BANCADA AO MERCADO DE TRABALHO: DESAFIOS DOS JOVENS
GUINEENSES FACE AO DESEMPREGO**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

V713d

Vieira, Aparicio Marques.

Da bancada ao mercado de trabalho : desafios dos jovens guineenses face ao desemprego /
Aparicio Marques Vieira. - 2019.

59 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

1. Jovens desempregados - Guiné-Bissau. 2. Mercado de trabalho - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 331.1209665

APARICIO MARQUES VIEIRA

**DA BANCADA AO MERCADO DE TRABALHO: DESAFIOS DOS JOVENS
GUINEENSES FACE AO DESEMPREGO**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês.

Aprovado em: 03/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Carla Craice da Silva

Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Deolindo de Barros

Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico esse trabalho para os jovens desempregados que estão na procura de trabalho, sobretudo os jovens de dois bairros da capital, Reno Ndjaka e Cintra, das bancadas. E vai especialmente para o meu irmão que contribuiu bastante para que esse trabalho se concretizasse.

AGRADECIMENTOS

Começo esses agradecimentos com medo de esquecer alguém! Por outro lado sei que foram muitas pessoas que contribuíram para que hoje eu estivesse aqui. Foram tantas histórias, tantos momentos guardados em um lugar especial. Espero que de alguma forma todas e todos que passaram pela minha vida possam se sentir agradecidos por contribuir com a minha formação pessoal.

Primeiramente agradeço os meus familiares que contribuíram muito para a minha educação, gostaria de começar agradecer a minha tia que é Mãe e para mim ao mesmo tempo pai, desde a morte da minha Mãe, ela nunca mostrou a diferença entre eu e filhas delas, a gente sempre conviveu sempre como irmã e irmão, apesar de briga entre eu e Nila sempre, porque ela sempre me cutucava, mas esta briga fortaleceu a nossa amizade.

E agradeço o meu irmão Ronilson que sempre me cobrou muito o meu empenho nas escolas e brigou comigo várias vezes, a cobranças dele deu efeito na minha vida.

Não posso esquecer Weibel, meu amigo, irmão e cunhado que sempre me motivou nos estudos, dizia que eu era bom no que faço ele sempre estava presente quando precisa do material escolar, e contribui muito na minha educação.

Agradeço a minha orientadora, Juliana Dourado Bueno, que desde segundo semestre que peguei-la num componente de sociologia como forma intervenção social, começamos a trabalhar, e me deu primeiro livro para entender o meu problema. E muito obrigada professora por acreditar na minha potencialidade de me orientar nessa monografia.

Agradeço também a pessoa que me motivou sempre para escrever a monografia. Fabiana a pessoa que esteve ao meu lado dando força, por que as vezes bate a saudade da família em Guiné-Bissau. Muito obrigado por fazer parte da minha vida.

Garandi i puti di mensiñu (O ancião é um pote de remédios)

Proverbio da Guiné-Bissau

RESUMO

Pretende-se com este trabalho estudar o desemprego na camada juvenil na Guiné-Bissau, no capital Bissau. Entender o motivo que leva a não inserção do jovem no mercado de trabalho, sobretudo os formados a partir de bancadas de dois bairros (Reino de Ndjaka e Cintra), ao terminar as suas formações. Torna difícil para eles conseguirem emprego, para expor o que aprenderam durante anos, por falta de espaço para ingressar no mercado, eles acabam por ficar sem emprego. Esta falta do emprego afeta muito esse grupo social, que tem uma consequência grave para os jovens e a própria sociedade. O nosso objetivo é tentar compreender como este fenómeno afeta a camada juvenil no País. Utilizamos a metodologia qualitativa e revisão bibliográfica para melhor dos autores (as) que debatem a respeito da temática e aplicamos os questionários no campo e depois analisamos as respostas dadas aos pesquisadas (as). A monografia está estruturada em quatro capítulos. Primeiro é a discussão com vários autores (as) que definiram o conceito do trabalho. Segundo capítulo fizemos uma discussão com autores (as) ao respeito do desemprego. No terceiro capítulo desenvolvemos o conceito das juventudes dos autores que falaram da temática. Em quarto capítulo, trabalhamos com análise de dados dos questionários aplicados durante a pesquisa do campo e fizemos diálogos com alguns autores nas análises. As respostas dadas por pesquisadas (os), faz os diálogos com as referências que escolhemos para trabalha desde o início da pesquisa, e conseguimos perceber com o fenómeno está afetando a vida dos pesquisados. Nas considerações finais realçamos a importância de pesquisar a temática, sobretudo no país onde a pesquisa foi realizada, que não tem muitas referências, fizemos o desafio para realizar este trabalho.

Palavra-chave: Jovens desempregados - Guiné-Bissau. Mercado de trabalho - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

The aim of this study is to study youth unemployment in Guinea-Bissau, in the capital Bissau. Understand the reason why young people do not enter the labor market, especially those formed from benches in two neighborhoods (Kingdom of Ndjaka and Cintra), after finishing their training. It makes it difficult for them to get a job, to expose what they have learned for years, because they lack the space to enter the market, they end up without a job. This lack of employment greatly affects this social group, which has a serious consequence for young people and society itself. Our objective is to try to understand how this phenomenon affects the juvenile layer in the Country. We use the qualitative methodology and bibliographic revision for the best of the authors who debate about the subject, we apply the questionnaires in the field, and then we analyze the answers given to the researched ones (at). The monograph is structured in four chapters. First is the discussion with several authors who defined the concept of work. The second chapter was a discussion with authors about unemployment. In the third chapter, we developed the concept of the youths of the authors who spoke about the theme. In the fourth chapter, we worked with data analysis of the questionnaires applied during field research and we did dialogues with some authors in the analyzes. The answers given by the respondents (s), makes the dialogues with the references that we chose to work from the beginning of the research, and we can perceive with the phenomenon is affecting the life of the researched ones. In the final considerations, we emphasize the importance of researching the subject, especially in the country where the research was carried out.

Keywords: Labor Market - Guinea-Bissau. Young unemployed - Guinea-Bissau.

RISUMU NA KRIÓL

No misti ki es tarbadju studa falta di tarbadju pá rapases ku badjudas na prasa di Bissau, ntidi motibu ku pui rapases ku badjudas kata dadu tarbadju, kilis ku kaba dja se studu, na fasidu ku rapases ku badjudas ki ta sinta na bankadas di Renu Ndjaka ku di Cintra, ora ki e kaba se formason i ta torna riso pá e konsigui tarbadja, pá mostra kil ki é sibi duranti anus ki e passa na se formanson pabia di falta di lugar pá tarbadja, pá kila e ta kaba pá fika sim tarbadju. Es falta di tarbadju ta kansa tchiu es djintis. Pá kila ki es tarbadju misti ntidi kuma ki es falta di tarbadju ta kansa rapases ku badjudas na Guine Bissau. Nona tarbadju no usa manera de qualitativu, mas librus iscribidu pá utrus guintis, nó consiki papia que és librus. Es tarbadju tene sinku kapitulu. Purmero diskuti ku manga di librus ku skirbi ke ku tarbadju sikinifika, na sugundu kapitulu no tisi librus ku skirbi sobri falta di tarbadju, na kapitulu tiris no tisi librus ki fala di rapases ku badjudas nobus, na kapitulu kuartu no tarbadja ku analis di purguntas ku fasidu na piskisa di kampu. Na kapitulu sinku ki sedu ultimu kapitulu, no konta balur ki es tarbadju tene pá skola ku tera nudi ki i fasidu piskisa.

Palabras-chaves: Dadu tarbadju - Bissau. Rapases sim tarbadju - Bissau.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDEAO – Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental

ENA – Escola Nacional de Administração

OIT – Organização Internacional de Trabalho

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UNCTAD – Conferência das Nações Unidas para o desenvolvimento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE TRABALHO	18
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONCEITO EM SOCIOLOGIA E ECONOMIA	28
4 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONCEITO DA JUVENTUDE EM C. SOCIAIS	36
5 ANSEIO DOS JOVENS FACE AO DESEMPREGO.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma abordagem sobre o desemprego na Guiné-Bissau e como o fenômeno tem contribuído para um grande crescimento na violência e na pobreza deste país, sendo os mais afetados com este problema os jovens que chegam na idade de trabalhar e não conseguem emprego, atingindo-os psicologicamente e mentalmente, leva-os no profundo do abismo. O mercado de trabalho de hoje é difícil e os jovens precisam de ajuda e apoio para encontrar, e permanecer no emprego.

Lidar com desemprego é difícil para todos. Mas para os jovens pouco qualificados especialmente aqueles que deixaram a escola sem qualificações, o fracasso de encontrar o primeiro emprego ou mantê-lo por muito tempo pode ter consequências, ainda mais negativas ao longo do tempo nas suas perspectivas profissionais, um fenômeno que alguns especialistas referem como sendo assustador. Inicialmente faremos uma abordagem de forma introdutória da contextualização da Guiné-Bissau.

A república da Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental da África, faz fronteira com o Senegal ao norte, Guiné-Conakry ao sul e ao leste e com oceano atlântico a oeste. O território guineense abrange 36.125 quilômetros quadrados de área, com a população de um milhão e quinhentos mil habitantes (Augel, 2007). Administrativamente o país está dividido em oito (8) regiões, e um setor autônomo. As regiões são: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali e setor autônomo de Bissau, a capital. As regiões por sua vez subdividem-se em 36 setores e estes em secções, compostos por tabancas (aldeias). Cada uma das regiões e setores contém os administradores colocados pelos respectivos governos para responder as demandas das populações. “A Guiné-Bissau destaca-se como país limítrofe por possuir uma superfície costeira profundamente entremeada por rios e osculada por imensas ilhas. (Augel, 2007) O país é constituído por uma parte continental e pelas cerca de 80 ilhas do arquipélago dos Bijagós, separado do continente pelos canais do rio Geba, Pedro Álvares, Bolama e Canhabaque.

“A parte continental é formada por uma planície costeira e uma zona interior planáltica. A planície costeira é semi-pantanosa possuindo planícies baixas com largos estuários (Augel, 2007). A zona interior é formada por planaltos poucos elevados, podendo distinguir-se duas zonas de transição que conduzem a dois pequenos planaltos, Bafatá e Gabú, e a zona de colinas com as maiores altitudes do país, (a cerca de 300m) na região de Boé.

A Guiné-Bissau é um país com vários grupos étnicos, que juntaram e formaram uma

nação guineense. A principal atividade econômica do país é agricultura, praticada por todos os grupos étnicos que compõem esta nação. O país após a independência adotou a política socialista da economia. O PIB do país vinha principalmente da produção e comercialização do amendoim, óleo de palma e madeira. Mas, após o golpe de Estado contra o Luís Cabral e a abertura do mercado, a entrada da moeda Fcfa acaba por constituir um fracasso da economia guineense, e a própria guerra civil que aconteceu no país destrói as grandes infraestruturas. O PIB guineense agora vem da produção da castanha de caju que é comprada em grande quantidade pela Índia. Antes de entrar no nosso problema da pesquisa vamos trazer o mapa do país.

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: Disponível em <<http://www.guine-bissau.tv/2015/02/mapa-politico-guine-bissau.html>>. Acesso 20 março/2019

Tendo em conta o alto crescimento da pobreza e um elevado número de desemprego que atinge todas esferas da sociedade guineense, sobretudo os jovens são os mais prejudicados pelo fenômeno. Partimos de duas hipóteses, que o desemprego na camada juvenil ocorre devido à falta de estabilidade política vivida no país, dado aos sucessivos golpes militares, o que ocasionou um grande aumento de jovem desempregado na Guiné-Bissau; e a falta do investimento no país e a política voltada à juventude ocasionou um grande número de pobreza e desemprego na Guiné-Bissau. Como existem diferentes jovens partimos para analisar os jovens que saíram da graduação.

Nossa pergunta de partida é: por que os jovens recém-formados não são inseridos no mercado trabalho guineense? A pesquisa foi realizada no Bissau concretamente nos dois Bairros (Reno de Ndjaka e Cintra) nas bancadas. O meu interesse para esse tema surgiu a partir da minha convivência com pessoas que acabaram de sair da universidade e estão na procura do

trabalho, os meus amigos, que sentávamos nas bancadas¹ a discutir a questão política do país, que tinham acabado de sair das suas faculdades, e estavam à procura do emprego - inclusive o meu irmão que acabou a sua formação na área de contabilidade, também desempregado que está à procura de trabalho.

O desemprego jovem é um problema ainda pouco estudado no campo da produção acadêmica, sobretudo na Guiné-Bissau, sendo um fenômeno que começou a ser pensado pela organização da sociedade civil. Assim, sendo eu um jovem guineense no campo acadêmico e pertencente deste espaço, senti a necessidade de estudar o problema. O país hoje vê um significativo número de jovens que terminaram os seus cursos, mas não se tem visto políticas do Estado para empregar estes indivíduos que por falta de oportunidade de conseguir o emprego acabam por desmotivar da vida, porque estudar por muito tempo e depois não se inserir no mercado, quebra a moral da pessoa. Estado guineense precisa começar a criar mecanismo e políticas pensando nos jovens que acabaram de sair da Academia, para inserir no mercado, e começar a abrir concurso público para jovem e criar os investimentos no país para que esses jovens encontrem espaço para ocupar.

O país deve começar a se preocupar com essa categoria que é mais penalizada pela sociedade. É importante trazer o problema da juventude para o campo acadêmico para ser discutida e tentar ver uma solução para essa classe. A discussão a respeito da temática é pouco discutida no âmbito acadêmico, no país, devemos começar a pensar neste fato que podemos ser o próximo alvo desse fenômeno depois da nossa saída no campo acadêmico.

Esta pesquisa insere-se no campo da pesquisa qualitativa. No primeiro momento da pesquisa foi feita uma revisão bibliográfica acerca da temática, onde encontramos várias referências que dialogavam com tema. Foram realizadas leituras e fichamentos dos artigos e dissertação que tratam dos temas do desemprego, trabalho e juventude.

As referências sobre o contexto da Guiné Bissau foram difíceis de serem encontradas, tendo em conta que não tem muita pesquisa a respeito da temática, mas fizemos um diálogo com referências estrangeiras para poder situar melhor o debate. Como o Severino (2007) aponta, a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses. As pesquisas através das referências nos permitiram fazer o diálogo com autores que falaram dos

¹ Bancada é um espaço, onde os jovens e adultos se encontram para fazer trocas de experiência. Neste espaço se encontram mais de 70% de jovens, é um espaço onde a maioria da organização de associativismo começou, hoje a maioria de organização que pensam a questão do jovem afirmam isso, como eu, era um membro de uma bancada, que tornou como uma associação que defende o problema de bairro que eu morava.

principais conceitos desde os tempos antigos até os contemporâneos.

A pesquisa também contemplou alguns dados publicados pelos organismos internacionais que atuam no país, para delinear o desemprego na camada juvenil, foi muito difícil localizar as publicações das estatísticas do país, mas trabalhamos com dados dessas organizações internacionais (OIT, PNUD, UNCTAD).

Segundo Minayo (2002) a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares no campo da pesquisa, pois ela trabalha com universos de significações, valores e crenças, responde a uma realidade que não pode ser quantificada e procura compreender os fenômenos a partir das subjetividades. A pesquisa qualitativa procura compreender a realidade através das subjetividades do objeto em estudo. De acordo com Martins: “A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva” (MARTINS, 2004, p.292).

Dentre as modalidades de técnicas da pesquisa qualitativa escolhemos inicialmente a entrevista para trabalhar, mas com o tempo acabamos por mudar devido à complexidade no campo, onde as pessoas preferiam escrever do que falar. Desse modo, acabamos por adotar o modelo de questionário, como a técnica que ajuda na coleta de dados. Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, P.53), o questionário refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche. No caso de nossa pesquisa os participantes levaram as questões para suas casas.

Primeiramente para conseguir as pessoas para aplicar os questionários, entrei em contato com o meu irmão mais velho, explicando que precisava das pessoas para realizar entrevista, conversamos a respeito da pesquisa e concordou em nos ajudar. Elaboramos um roteiro completo da entrevista, junto com a minha orientadora, e depois mandei para correio eletrônico do meu irmão em Guiné-Bissau, no dia 13/01/2019, para ele aplicar as entrevistas e continuamos a nos comunicar para saber como o trabalho estava andando no campo. Em 30/01/2019 ele me comunicou que estava tendo muitas dificuldades no campo, que estava tendo muita vergonha por parte dos entrevistados em responder o roteiro. Diante dos obstáculos recorremos à segunda opção de tornar a entrevista em um questionário por meio do qual eles iam se expressar a respeito das perguntas aplicadas, mas de uma forma escrita. Os entrevistados aceitaram essa possibilidade e o meu irmão entregou as perguntas para 10 pessoas, mas somente sete pessoas entregaram as suas respostas.

No dia 14/02/2019, o meu irmão recolheu todas informações, que era sete (7) folha e

digitalizou, e depois me mandou para o meu correio eletrônico, para analisar. Lemos todas as informações que recebemos das pessoas que responderam os questionários e procuramos ver o que eles tinham em comum e particular nas respostas para criar as categorias. O questionário foi aplicado na zona urbana do país, na capital Bissau, nos dois Bairros (Reno de Ndjaka, e Cintra), em dois *bancadas* deste bairro, elaboramos somente um critério, como a juventude é algo complexa e destina, então trabalhamos com jovens que fizeram o curso médio, pertencente a estas duas bancadas.

Os questionários foram aplicados em dois bairros da capital Bissau com as pessoas que tinham muito interesse de expressar do problema proposto para estudo. No decorrer do trabalho encontramos duas pessoas com idade acima de 40 anos, que se encontravam dentro do espaço estudado, que as suas falas eram muito importantes para trazer para o nosso trabalho que expressaram os seus sentimentos a respeito do problema, que desde que terminaram o curso médio em 2011 ficaram sem trabalho formal.

Quadro 1 - Idade dos participantes da pesquisa

Nome	Idade
Bruno	40
Litos	25
Ivan	31
Miguel	40
Diana	26
Eva	29
Nito	28

As análises foram feitas a partir das respostas obtidas nos sete questionários. Posteriormente, foram separadas as categorias em comum e particulares que apareciam nas respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa.

Nosso trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo discutimos o conceito do trabalho desde a Grécia antiga até nos autores contemporâneos e trabalhamos com a interdisciplinaridade, de acordo com proposta do curso Bacharelado em Humanidades da Unilab. Trazendo o conceito do trabalho no campo *filosófico* e *ergonômico*. No segundo momento desenvolvemos o conceito do desemprego em duas perspectivas, *sociológica* e *econômica*, debatendo com os autores que falaram a respeito da temática. E no terceiro

momento discutimos o conceito da juventude dentro das ciências sociais, que nos permitiu entender que existem várias juventudes, não pode universalizar o conceito, a juventude da zona urbana é diferente da rural. No último capítulo foram realizadas a análise e discussão das respostas obtidas a partir dos pesquisados e com algumas referências que apresentam os dados da temática na qual a pesquisa foi realizada.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE TRABALHO

Trabalho é uma atividade humana que existiu desde os tempos primórdios e vem sofrendo muitas transformações. Os primeiros indivíduos trabalhavam para sobreviver, realizavam atividades no campo e artesanais. Na Grécia antiga, o berço da civilização Europeia, podemos constatar que nos períodos Platônicos e Aristotélicos, o trabalho era tido como uma atividade que causa o corpo cansaço e deve somente ser feita por escravos, o homem cidadão deve se dedicar à cidade, à política e à filosofia. Segundo o Marcondes (2007), Aristóteles e Platão consideravam que o trabalho era uma atividade destinada aos escravos, por ser uma tarefa que envolve muita força. Os senhores de escravo, por sua vez, considerados naquelas épocas como “homens”, deveriam se ocupar nos negócios na cidade ou fazer filosofia. Como o trabalho envolvia muita força para se executar, o indivíduo não deveria trabalhar porque não teria a mente livre para fazer filosofia. Para os sofistas, o trabalho dignificava o homem e era também uma forma de alegrar os deuses.

Como Marcondes (2007) mostra no seu livro *Iniciação à História da Filosofia*, tanto na filosofia platônica, aristotélica, estoicismo e quanto nos primeiros filósofos cristãos, e na tradição agostinianos, o trabalho era condenado enquanto obra, já que a única obra é divina.

Já no período feudal, após a queda do império Romano, o modo de organização social, política e cultural é baseado no regime de servidão, onde o trabalhador rural era o servo dos grandes proprietários de terras. Neste período, os pobres buscavam trabalho e proteção dos grandes senhores romanos e fizeram com eles um trato, ou seja, os mais pobres poderiam usar as terras, mas seriam obrigados a entregar a parte da produção destas terras aos senhores proprietários, o antigo sistema escravagista do império Romano foi substituído por esse novo sistema servil de produção, no qual o trabalhador rural se tornava servo do grande proprietário.

Com o Renascimento, começa o rompimento da Idade Média para a Moderna, vem o desenvolvimento da ciência e a alteração da concepção de condenação do trabalho. Surge o

homem histórico, homem com capacidade criativa e transformador. A história passou a ser entendida como obra do homem, e a natureza virou o seu campo da procura do seu conhecimento e ao seu controle, tornou como dono do seu próprio destino. Mesmo com o rompimento da idade medieval o pensamento cristão continua influenciando a mente de muitos homens sobre a concepção do trabalho, somente vai começar a perder a influência com a chegada da reforma protestante. Segundo Weber (2004) a reforma protestante não mudou todas as formas das dominações de catolicismo na esfera social, mas algumas práticas incômodas, sobretudo a concepção do trabalho que predominava no momento. Como aponta numa parte que:

Reforma significou não tanto a *eliminação* das dominações eclesiásticas sobre a vida de modo geral, quanto a substituição de sua forma vigente por uma *outra*. E substituição de uma dominação extremamente cômoda, que na época mal se fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incômoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as esferas da vida doméstica e pública até os limites do concebível (WEBER, 2004, p. 30).

Segundo Weber (2004), a reforma protestante não significa a eliminação da dominação do catolicismo, mas sim questionar algumas regras impostas pela Igreja e *papa*, como a separação do Estado e comércio da Igreja, onde o catolicismo tinha um grande controle nestes espaços. Então, a reforma visava a separação da Igreja com a economia e do poder do Estado, o que, obviamente, não foi aceito pelos líderes religiosos. O que culminou com aparecimento da Reforma Protestante, no período que vai do século XV ao XVII. Para esta corrente religiosa, trabalhar era como um ato de alegrar o Deus, diferente do catolicismo no momento.

Agora vamos trazer autores clássicos que falaram do conceito do trabalho. Hegel defende que é uma atividade humana que existiu há muito tempo e que faz parte da esfera da sociedade civil. Além de satisfazer as necessidades dos indivíduos, cria também uma relação entre as pessoas numa determinada sociedade. De acordo com este autor, o trabalho é formador da consciência, na medida em que:

media também as relações entre os indivíduos membros da sociedade civil, uma vez que, a fim de satisfazer as carências, cada indivíduo precisa se relacionar com outros indivíduos, seja comprando algum produto, seja pagando por um serviço, ou ainda recebendo por serviços prestados ou produtos feitos por ele. (HEGEL *apud* PERTILLE, 2010, p. 1410).

Para Hegel o trabalho faz a mediação de um indivíduo com outro. Hegel não considera o homem no centro de toda essa criação, é só uma parte dentro da sociedade. Como Marcondes

(2007, P.233) aponta que Hegel mostra, por meio da consideração da historicidade da consciência individual que isso é impossível, sendo pura ingenuidade tentar considerar o indivíduo como desvinculado da tradição, da cultura e da sociedade a que inevitavelmente pertence. Para ele qualquer que seja o trabalho desenvolvido pelo homem, está se espiritualizando a natureza e humanizando-o. O pensamento hegeliano foi completamente influenciado pelo pensamento cristão, todas atividades desenvolvidas pelos humanos são obra do espírito não do homem. Hegel afirmar isso na sua corrente chamada “idealismo”, que mais adiante o Marx vai fazer a crítica.

A Crítica feita por Marx sobre a ideologia hegeliana, a *dialética do senhor e escravo*, considera essa teoria posta por esta corrente filosófica como uma forma de dominação da consciência de uma classe pela outra, como sendo uma realidade existente. Como Marcondes (2007) aponta, na dialética hegeliana do *senhor e o escravo*, essa dupla consciência deve existir para Hegel, ambos precisam uns dos outros, logo um tem que submeter ao outro para se libertar, o senhor tem que reconhecer o indivíduo como sujeito, ao mesmo tempo como objeto, e escravo tem que reconhecer o seu dono como tal e se submeter ao trabalho, somente assim que a sociedade funciona. Marx também faz a crítica a essa forma do pensamento hegeliano da ideologia não materialista, como o Marcondes aponta que:

A ideologia é, assim, uma forma de dominação, gerando, uma falsa consciência, uma consciência ilusória, que se produz através de mecanismo pelos quais se objetificam certas representações (as da classe dominante) como sendo a verdadeira realidade, tudo isso produzindo uma aparente legitimação das condições existentes numa determinada sociedade em um período histórico determinado. Produz-se com isso uma forma de alienação da consciência humana de sua situação real de existência (as relações de produção). A ideologia é produto de uma estrutura social profundamente desigual, e, portanto, não transparente, já que esta desigualdade não pode explicitar no nível da consciência. (MARCONDES, 2007, p. 236).

Marx constrói sua obra na base da categoria “trabalho” entendida como relação social e como categoria central da história. O autor considera o trabalho como obra do homem, não a obra do espírito, como o pensamento hegeliano afirma. Ele parte desse pressuposto, devido a própria constituição corporal, natural, físico-biológica, o homem tem necessidades e estas levam o homem em primeiro lugar a ter relação com natureza e depois com outros homens. Para Marx o ser humano possui capacidade de produção da História e estrutura as relações sociais – estas, de acordo com o autor, são fruto das ações dos homens. Ao intervir no seu meio, o homem pode alterar a realidade, produzindo o novo, pode também conservar esta realidade, reproduzindo-a, com isso, um mundo é criado, recriado, transformado, conservado e as

gerações que se sucedem vão “encontrando” uma realidade material e simbólica - já dada, construída por gerações anteriores e esta realidade é que vai ser um dos elementos fundamentais na condução das ações dos homens para a continuidade da produção e reprodução do mundo e da vida.

Na visão de Karl Marx, a essência do homem se encontra no trabalho, pois através deste o homem produz máquinas, obras de artes, cria instituições sociais e suas crenças religiosas (OLIVEIRA *et al.*, 2010). O homem precisa do trabalho para se transformar, como explicitado na passagem:

O homem possui a capacidade potencial de realizar-se como ser livre e universal, ao efetivar-se, no curso histórico, e, ao mesmo tempo, dar novos rumos à sua existência. Isso quer dizer que o homem está em um constante processo de autoconstrução, tanto em sua dimensão subjetiva quanto intersubjetiva, possibilitada por sua atividade essencial, o trabalho. É por meio dessa atividade, a qual Marx define como vital, que o homem objetiva o seu espírito no mundo e materializa em objetos suas inquietações, ideias e sentimentos, resultando daí os bens materiais necessários à existência, bem como toda a riqueza social (OLIVEIRA, 2010, p.75)

Apesar da obra do MARX *O Capital* servir para pensar o nosso problema de pesquisa e atual sistema de organização do mercado do trabalho, as obras do Marx não retratam a questão racial, mas dá para pensar ou problematizar o atual sistema vigente, como Moore (2010) aponta que para trabalhar com estes referenciais nos nossos contextos, temos que ver a questão da raça/etnia:

Para Marx, os escravos estão no mesmo patamar dos bois e dos arados- não são humanos- são maquinarias sem ao qual o desenvolvimento econômico não seria possível em suas palavras: “A escravidão é conseqüentemente uma categoria econômica de suprema importância. Sem a escravidão, a América do Norte, a nação mais progressista, ter-se-ia transformado em um país patriarcal. Apenas apague o América do Norte do mapa e você conseguira anarquia, deterioração completa do comércio e da civilização moderna”. (MOORE, 2010, p. 41).

Para Moore (2010), o debate sobre a luta de classes de Marx não leva em conta a questão da raça/etnia tendo em conta a própria situação que se encontra o autor, que nasceu e viveu no Ocidente. Isso faz com que ele privilegie mais as supremacias do seu continente de origem. Segundo Moore:

As ideias de Marx e Engels sobre o mundo em geral não podem ser dissociadas de seu ambiente e da época que viveram. Eles nasceram na Europa do século XIX; viveram e trabalharam na Europa do século XIX. O comércio de homens e mulheres de pele negra dizimava a África por cerca de quatro séculos e sociedades negras na Ásia e Oceania também haviam sido reduzidas a uma outra forma de escravidão. (MOORE,

2010, p.62).

O autor aponta que um dos motivos do não olhar de Marx para os povos não ocidentais seria a influência do Iluminismo, que o Marx é um dos herdeiros. Outro motivo seria o seu lugar de fala enquanto europeu, que não aceitaria perder o lugar da supremacia. Mas, apesar disso, sua obra é importante para pensar o atual modo de produção vivido hoje na contemporaneidade, por ter escrito obras de bastante profundidade contra a dominação capitalista.

Segundo Dove (1995), há três razões para trabalhar com as obras do Marx, primeiro, para compreender a natureza do capitalismo ou a supremacia europeia como uma estrutura social imposta historicamente ou culturalmente. A segunda (DOVE, 1995, P.1), colocar o pensamento marxista dentro dos parâmetros das ideologias europeias que perpetuam as opressões das pessoas africanas e outros grupos culturais em todo o mundo. O último, na sua obra ele fornece um quadro teórico e conceitual para examinar o sistema capitalista, as desigualdades sociais baseadas na exploração de classe econômica, e a sua obra traz uma teoria de resistência contra a dominação da classe burguesa.

Como aponta a autora Dove (1995), a luta de classes debatida pelo Marx não consegue ver a condição do povo Africano, a sua luta se centra mais na Europa. De acordo com a autora,

Marx não definia ou interpretava a dominação europeia, a opressão e o aniquilamento de nações pretas, marrons, vermelhas e amarelas do mundo na acumulação de terras e riqueza como um processo racializado culturalmente determinado fundamental para o desenvolvimento do capitalismo/ supremacia branca como uma economia global. (DOVE, 1995, p. 8).

Marx é um grande pensador da Sociologia, e muito bom a gente fazer a crítica e construir a partir das suas ideologias novas formas de pensamento e levar as questões das diversidades. Marx mostra que devido às necessidades que o ser humano tem, leva o homem a fazer constante busca na natureza para suprir as suas carências.

A própria quantidade das supostas necessidades naturais, como o modo de satisfazê-las, é um produto histórico que depende em grande parte do grau de civilização alcançado. Na busca de controlar as condições naturais, os homens criam novos objetos os quais não só se incorporam ao ambiente, modificando-o, como passam as próximas gerações. Os resultados da atividade e da experiência humana que se objetivam são acumulados e transmitidos por meio da cultura. É por meio da ação produtiva que o homem humaniza a natureza e também a si mesmo. O processo de produção e reprodução da vida através do trabalho é, para Marx, a atividade humana básica, a partir da qual se constitui a história dos homens, é para ele que se volta o materialismo histórico, método de análise da vida econômica, social, política, intelectual. (QUINTANEIRO, BARBOSA, OLIVEIRA, 2003, p.33).

O clássico húngaro Gyorgy Lukács, na sua procura ontológica do conceito de trabalho, tem a mesma percepção com o Marx acerca deste conceito.

O que distingue o ser social da natureza não é o fato de ter como exigência primeira a reprodução da sua própria forma de vida. Muito pelo contrário, isto é o que aproxima a reprodução social da reprodução natural, num plano de elevada abstração. O que as distingue radicalmente é a forma do desdobramento concreto do processo reprodutivo nas duas esferas. A determinação do ser-precisamente-assim da reprodução biológica é dada por seu momento predominante, isto é, pelas categorias biológicas; a mesma determinação, no mundo dos homens, é dada pela categoria do trabalho. (LUKÁCS apud LESSA, 1992, p.42)

Marx e Lukács apresentam um ponto de vista diferente de Hegel, na mediação de trabalho com o homem. Enquanto Marx e Lukács tomam o homem como criador da categoria de trabalho, Hegel considera que o homem é parte do trabalho não criador. Cada autor tem o seu ponto de vista em relação ao conceito de trabalho, como Ferreira (2000) aponta que o conceito de trabalho em ergonomia parece estar isento de ortodoxia teórica no sentido de que não existe uma definição canónica. Para mostrar o seu ponto de vista trouxe vários autores que deram a definição do conceito de trabalho, dentre os quais é possível citar TEIGER, DEJOURS & MOLINIER, TERSAC, SCHWARTZ.

Quadro 1 - Síntese das definições de trabalho	
Autor	Definição
TEIGER, 1992	E uma atividade finalista realizada de modo individual ou coletiva numa temporalidade dada, por um homem ou uma mulher singular, situada num contexto particular que estabelece as exigências imediatas da situação. Esta atividade não é neutra, ela engaja e transforma em contrapartida, aquele ou aquela que a executa.
DEJOURS & MOLINIER, 1994	Uma atividade coordenada de homens e mulheres para responder ao que não está posto desde o início, pela organização prescrita do trabalho
TERSAC, 1995	O trabalho é uma ação coletiva finalística. É uma ação “organizada” porque ela se situa num contexto estruturado por regras, convenções, culturas. É também uma ação “organizadora” porque ela visa, não somente preencher as lacunas provenientes das imprecisões da prescrição, mas produzir um acordo, um espaço de ações pertinentes. É pela ação que se define de forma interativa, o problema é a solução. É na ação que se operam as formas de agir.
SCHWARTZ, 1992	Lugar onde se opera uma dialética, portanto, um uso problemático de si mesmo e pode se definir talvez do seguinte modo: num primeiro registro, ele diz respeito aos antecedentes normatizando e antecipando a atividade (...) num segundo registro, ele comporta a insubstituível gestão das dimensões singulares da situação que marca na atividade cotidiana de trabalho os elementos variáveis, históricos de toda situação, sua não repetição integral

A primeira e segunda definições descritas no quadro citado pelo Ferreira (2000), acerca do conceito do trabalho em ergonomia, destacam questão do género, é importante trazer para discussão essa categoria. Não devemos criar as definições que vão excluir ou alienar um determinado grupo. O género é uma categoria importante para analisar a divisão sexual do trabalho. As relações de género se estabelecem dentro de um sistema hierárquico que dá um

lugar a relação de poder.

O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1989, P.7).

O gênero permite uma reflexão crítica acerca da divisão sexual do trabalho na sociedade. Hirata (2015) vai mostrar que estas teorias ocidentais impostas às mulheres acabaram por determinar as suas ocupações no mercado de trabalho e no seio familiar, numa posição de inferioridade, precária e doméstica em relações aos homens que são privilegiados, como ela aponta:

As responsabilidades tradicionais das mulheres pela educação das crianças estruturam mercados de trabalho que são desvantajosos para as mulheres, resultando em um poder desigual no mercado econômico que, por sua vez, reforça e exacerba o poder desigual na família. (HIRATA, 2015, P.4)

A terceira definição apresentada no quadro se dá numa forma de interação entre os indivíduos que partilham as mesmas convicções culturais, num contexto de organizações e regras, esta forma de organização acontece mais nas sociedades com menos presença de capitalismo. Segundo Durkheim citado por Quintaneiro (2002), todas as atividades realizadas dentro destas comunidades pertencem a todos indivíduos membros destas sociedades, eles vivem a partir de uma noção de coletivismo.

A última definição apresentada no quadro define o trabalho como um espaço onde os indivíduos dialogam entre si, aponta também a questão da singularidade no vivido pelos indivíduos no cotidiano de trabalho. Segundo Ferreira (2000), o corpo biológico do trabalhador, sua inteligência, seu afeto marcam o ponto de interseção entre a história singular do sujeito e as relações sociais que este estabelece com os outros (FERREIRA, 2000, p.4).

A essência do ser humano se encontra no trabalho, e isso nos remete a pensar nos dias de hoje como o trabalho medeia a nossa vida cotidiana, ele cria respeito no indivíduo perante a sua família, sociedade, até nos relacionamentos com os outros. Este é um ponto muito importante para refletir sobre como as sociedades capitalistas excluem as pessoas e consideram os não ocupados como vadios e bandidos. É bom pensar como esta mesma ideologia coloca o fardo no homem como responsável pela família e como aquele que deve procurar o trabalho para sustentar financeiramente o núcleo familiar e ganhar o respeito perante a sua família e sociedade.

Ferreira (2000) destaca também a necessidade de considerar o indivíduo numa perspectiva ampla, não somente a vida do indivíduo no serviço, mas também a própria conduta da pessoa, o seu comportamento e sua atitude no trabalho.

Variável situação: é abordado de modo amplo, compreendendo o ambiente, as condições, a organização, as relações sociais, bem como o contexto socioeconómico no qual se inscreve uma determinada atividade. Todavia, a ergonomia interpreta os aspetos constitutivos do contexto em termos de exigências externas ao sujeito que podem estar facilitando ou dificultando a execução de sua tarefa. A ideia de contexto em ergonomia também "pula o muro da fábrica " para designar a vida do sujeito fora do trabalho buscando identificar fatores que possam elucidar a sua conduta em situação de trabalho. (FERREIRA, 2000, p. 4)

Desde os tempos primórdios o ser humano procurou desenvolver atividade para satisfazer as suas necessidades, sobretudo antes da evolução do trabalho agrícola. O homem sempre procurou desenvolver qualquer que seja atividade para suprir as suas necessidades, independentemente de ter vínculo com instituições. No decorrer do tempo houve grande crescimento da densidade populacional em diferentes partes do planeta e a aproximação com a natureza se intensificou. Neste momento começou a relação muito mais forte entre a sociedade e a natureza, e criação de novas formas de produção. Neste período surgiu a primeira revolução industrial no século XVIII no Reino Unido, que teve como eventos a invenção da máquina de vapor, fiar, e tear mecânico.

Nesta primeira revolução industrial o trabalho artesanal e manual começou a perder o espaço, a mão-de-obra começou a cair, as pessoas começaram a abandonar as zonas rurais e partir para a zona urbana. Os grandes proprietários, os burgueses começaram a comprar as terras para as suas plantações e houve grande número de imigração das pessoas para as zonas urbanas. Nesta primeira fase de revolução, começou a surgir grandes desigualdades sociais nas sociedades.

A segunda Revolução Industrial, que teve espaço entre os anos de 1850 a 1950, foi caracterizada pelo avanço tecnológico, que se intensificou num ritmo bastante acelerado. Começaram a surgir inovações nas tecnologias, os robôs e eletricidade. Neste período piorou a situação da classe proletária, pois as grandes corporações não precisavam de muita mão-de-obra, logo os trabalhadores se viram obrigados a aceitarem o salário estabelecidos pelos burgueses.

A terceira e a última Revolução Industrial decorreram do ano de 1950, após a segunda Guerra Mundial, até a atualidade. Este período é marcado pelo grande avanço das tecnologias e o advento da ciência na metalurgia. Segundo Silva et al. (2002), o período é caracterizado

também pela conquista espacial, progresso eletrônico, energia atômica, desenvolvimento da engenharia genética e biotecnologia. Essa fase é conhecida também como revolução técnico-científico informacional.

Nos outros períodos observa-se uma crescente substituição do homem pela máquina no processo produtivo. Nesta terceira fase o trabalhador se tornou aprendiz das novas tecnologias e virou um apêndice das máquinas. O trabalho, tanto no meio urbano quanto no meio rural, passou a ser exigido muito mais em sua qualificação técnica, uma vez que as novas tecnologias exigem determinados conhecimentos específicos que não podem ser realizados por um profissional que não possui uma determinada formação. Tal contexto contribui para um cenário no qual há um aumento do número de empregos acompanhado de um aumento do número de desempregados, uma vez que a massa de trabalhadores não se adequa às novas condições de trabalho em razão, também, da ausência de oportunidades de formação voltada para as tecnologias.

Os sindicatos vêm perdendo o protagonismo nas formas de reivindicação dos direitos trabalhistas, tendo em conta as exigências das novas formas de produção, que exigem a qualificação para os operários. Houve um grande aumento no mercado de trabalho informal, que são todas atividades consideradas por alguns especialistas, tanto no campo econômico e social, como sendo atividades precárias, sem carteira ou sem vínculos institucionais com as empresas. A informalidade é um conceito das ciências sociais que tem várias formas de definição, em algumas sociedades pode não ser o trabalho precário, mas, nas outras pode assumir essa dimensão de precarização, por isso que é importante fazer análise sociológica para entender esse conceito.

No artigo escrito por Thiago Brandão Peres acerca do conceito da informalidade, percebe-se como o autor fez um diálogo com diferentes autores que falaram a respeito da informalidade, que para uns seriam um mercado sem regra ou vinculação que permitiria a pessoa tornar-se empreendedor, para outros seriam as atividades desenvolvidas por pessoas numa má condição. Como Peres (2015) aponta:

Setor informal é mais as formas de organização de unidades produtivas operadas por empresas familiares ou associações entre outros indivíduos, as quais não se baseiam no trabalho assalariado, não possuem um registro contábil padrão, além de não se constituírem como entidades legais separadas de seus proprietários (PERES, 2015, p.277).

Autor traz nas suas análises pontos importantes para refletir sobre a informalidade no mercado guineense, que é a questão do trabalho familiar, por exemplo, tem indivíduos com tios

mecânicos, serralherias, assim, ao invés de a pessoa ficar parada sem fazer nada neste tempo sem emprego, começa a trabalhar. Muitas vezes a mão da obra é precária tendo em conta a questão familiar, e tem pessoas que permanecem nesta informalidade para o resto da vida, uma situação muito lamentável.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONCEITO EM SOCIOLOGIA E ECONOMIA

O desemprego é um fenômeno que surgiu após da revolução industrial, onde os trabalhos manuais e artesanais foram trocados pelas máquinas. Cabe ressaltar que o modo de produção capitalista explora muito a força de trabalho dos indivíduos e beneficia somente os burgueses e proprietários de grandes empresas.

A classe operária não consegue escapar deste sistema, devido à forma como o mercado se estrutura: contrata poucos funcionários, depois gera desemprego, e os empregados são obrigados a aumentar sua produção, porque tem pessoas para substituir os que não estão produzindo muito. Marx (apud QUINTANEIRO, 2002) denomina a massa de trabalhadores desempregados disponíveis para ingressar no mercado de trabalho como *exército industrial da reserva*. Estes grupos das pessoas desempregadas são armas usadas pela classe burguesa para influenciar os empregados a aumentarem a produção, para não perder o seu posto de trabalho. A pessoa é obrigada a aumentar a intensidade no trabalho sem dar conta que está vendendo a sua força, e depois o salário não chega ao nível da sua produção.

Este fenômeno veio junto com a modernização porque pensando nos tempos mais remotos ou antigos, as sociedades tinham outras estruturas e modos de produção diferentes desta. Na Antiguidade, as principais fontes de gerar as economias eram a agricultura e a criação de gados, o trabalho era desenvolvido em grupo em benefício da sociedade e o grupo vivia mais o coletivismo. Pensando nas sociedades de hoje o modo como as pessoas se relacionam é possível afirmar que as pessoas vivem no individualismo e isso torna o capitalismo mais forte e difícil de derrubar.

Os estudos sobre problemática do desemprego, tanto no campo econômico e no da sociologia, mostram as dificuldades de se trabalhar com este conceito devido a ambiguidade com o qual o mesmo é tratado, esta ambiguidade pode ter origem primeiramente, devido aos diversos critérios adotados para se definir e medir aquilo que em cada grupo social se entende por desemprego, devido ao seu modo de atuação ou apresentação em cada contexto social, por

isso que não dá para universalizar o conceito. Mas de qualquer modo pode ser definido pela falta de ocupação ou precariedade.

Os autores e as autoras do campo da sociologia não procuram fazer análise do desemprego somente a partir das estatísticas ou mercado de trabalho, procuram também entender o fenômeno a partir da forma como os indivíduos se definem perante esse fato social. Os autores e as autoras da Sociologia também fazem análises a partir dos reguladores, que nesse caso é o Estado e por último a família, compreendendo também as trajetórias laborais e a inserção dos indivíduos nas classes sociais. As outras clivagens também que aparecem dentro da perspectiva sociológica são escolaridade e gênero, na medida em que existe uma grande desigualdade no mercado de trabalho onde as mulheres ocupam lugares precários nos postos de trabalhos. Conforme aponta Guimarães (2002, p. 114), a maioria das mulheres ativas trabalha em ocupações precárias ou informais, que são igualmente ocupadas em grande parte pelos ativos mais jovens.

Este fenômeno tem percepção diferente nas duas perspectivas, econômica e sociológica, nas análises sociológicas ele não se limita só na privação do emprego ou na condição econômica. Conforme apresenta Demazière (2003):

Decerto os sociólogos afirmam que o desemprego não é somente uma condição econômica ou uma privação de emprego, e que ele implica um reconhecimento social, a atribuição desses traços a alguns indivíduos, a construção social de uma legitimidade para reivindicar um emprego, a definição de uma rede de direitos e obrigações recíprocas socialmente regradas. De certa forma, os sociólogos concordam em afirmar que o desemprego é um construto social, uma categoria elaborada. (DEMAZIERE, 2003, p. 111).

De uma maneira em geral, sabe-se que a concepção que se tem de desemprego, seja no senso comum ou no mundo científico de estatística de mercado de trabalho no mundo inteiro, se origina do conceito de emprego. Neste sentido, para se criar o conceito de desemprego é preciso, então, buscar uma definição mais clara do que vem a ser o termo emprego, que está relacionado diretamente ao conceito de trabalho.

O conceito do emprego além de possuir um significado econômico no campo de trabalho, possui também um sentido histórico e social, dependendo do tipo de organização social do momento histórico das relações e interesse de poder que estiveram em jogo, o emprego vai assumir dimensões, formas e significado diferentes para aqueles que o medem, ou estudam e vivenciam, na própria pele, a sua existência.

Para compreender o fenômeno social do desemprego, que tem afetado muitas sociedades, temos que fazer análises a partir das duas dimensões, econômica e social. Na

dimensão econômica é importante fazer análise detalhada de modo de produção, como funciona ou que leva ele a gerar tanto desemprego, enquanto que na dimensão social, devemos parar para refletir as estruturas impostas hoje nas nossas sociedades e tentar entender sociologicamente como os indivíduos se deparam com esses fenômenos nos seus cotidianos, como sendo um dos fenômenos que contribuem para exclusão de determinado grupos nas sociedades.

Vamos trazer alguns autores que definiram o conceito como Reinert (2001), que definiu desemprego enquanto a “não possibilidade do trabalho assalariado nas organizações de um modo geral” (p. 46). O autor define ainda o desemprego como:

a condição da pessoa sem algum meio aceitável de ganhar a vida e os desempregados são pessoas capazes de trabalhar para satisfazer suas necessidades, mas ociosas, independentemente de sua boa vontade para trabalhar ou do que elas possam fazer para atender as necessidades da sociedade. (REINERT, 2001, p.46).

O autor mostra que as pessoas desempregadas são pessoas que estão na procura constante do trabalho, que muitas vezes acabam por ser excluído pela sociedade, por causa da estruturação do mercado de trabalho.

Segundo Ócio (1995), o desemprego é a principal forma de exclusão do indivíduo na sociedade, porque quando privatiza ou nega a pessoa o direito ao trabalho remunerado, é uma forma de excluir o indivíduo dentro de uma sociedade. Como ele defende que:

O acesso ao trabalho digno (...) é um direito (...) representa a principal forma de inserção do indivíduo na sociedade, pois é através da remuneração do trabalho que a maioria das pessoas auferem sua renda e adquire reconhecimento social. O desemprego não pode ser conceituado teoricamente como simples imperfeição temporária do mercado de trabalho, ao contrário pertence a essência do sistema econômico fruto da industrialização, urbanização, crescente especialização e mais amplamente da transformação do trabalho em mercadoria. (OCIO, p.1, 1995).

Para o autor o desemprego seria uma forma de excluir as pessoas dos trabalhos. O emprego é o principal elo do indivíduo com sociedade, quem trabalha é respeitado, muitas pessoas não querem romper essa relação com a sociedade na qual pertencem, tendo em conta esta situação as pessoas acabaram por tornar as suas forças como uma mercadoria, trabalham muitas horas e ganham pouco. Um dos elementos importantes que podemos pensar no processo de construção de principal causa do fenômeno do desemprego é a industrialização e urbanização. O primeiro processo, que substitui os trabalhos manuais pelas máquinas, acabou por penalizar grande quantidade de massas de trabalhadores, enquanto o segundo pode ser compreendido pela criação de um único centro urbano e pela centralização de muitas

instituições no mesmo espaço, este processo também gera migração de zona rural para urbana, aumenta centralização da população em único espaço, criando também o desemprego.

Ócio (1995) defende que nas economias primitivas a base familiar era a agricultura ou artesanato e não existia o desemprego, este fato social pertence às sociedades modernas, devido as suas economias capitalistas urbanizadas.

O desemprego não é somente o fator inerente ao processo de produção, ele exerce várias funções no mercado, assim como determina os salários e a mão de obra das pessoas. Além de ser um fato inerente determina o consumo da pessoa na sociedade e pode excluir também daquele espaço. Como o Cruz (2013) define que o desemprego também terá funções próprias que são reserva de mão de obra e regulação de salários.

desemprego é um fato inerente ao processo de acumulação capitalista. Ele exerce funções: controlador de salários e reserva de mão de obra e formas específicas: Flutuante, latente e estagnada. (...) está incluso no processo de acumulação capitalista. É uma consequência natural deste processo. Portanto, o mesmo não pode ser analisado como apenas um fato isolado, durante os ciclos do capital, sejam ascendentes ou descendentes (CRUZ, 2013, p.12,13)

Segundo Karl Marx (1984), citado pelo Cruz (2013) além dos movimentos gerais dos salários o fenômeno se regula também exclusivamente pela extensão e contratação do exército industrial, correspondentes as mudanças periódicas do ciclo industrial. Este fato social além de reduzir os salários das classes operarias, regula também a contratação das pessoas nas indústrias, sempre quem ganha com desemprego é o capitalista, na medida em que diminui os postos de trabalho, aumenta a produção e gera o capital.

O mau funcionamento do mercado gera o desemprego, e nesta ótica que os empregadores sempre criam argumentos para se defender que não são os geradores deste fenômeno. Os empregadores argumentam que o próprio operário que não quer trabalhar, mas se coloca o questionamento de como trabalhar com uma condição instável no mercado, que nem dá para suprir as suas necessidades. Como o Goutie (1998) mostra que:

desemprego (...) resulta também de uma vontade de racionalizar o funcionamento do mercado de trabalho, nos quadros do interesse na convergência das preocupações sociais (problema da pobreza) e produtivistas (assegurar uma mão de obra estável e atuante para a indústria). (GOUTIE, 1998, p.75).

Alguns especialistas defendem que o desempregado não é somente as pessoas que não têm ocupação (VIEIRA, 2013), pode ser também o indivíduo com um posto de trabalho, mas que continua procurando uma ocupação com maior renda, onde vai conseguir se realizar. Para

outros autores este pode ser considerado um trabalho informal. Como a Vieira (2013) defende:

O desemprego é definido como ausência temporária de trabalho que deve vir associada a procura regular de atividade ocupacional. É a procura de trabalho que normativa e administrativamente diferencia um trabalhador desempregado de uma pessoa inativa, constituindo-se, portanto, na variável fundamental da construção das taxas de desemprego e atividade. (VIEIRA, 2013, p.195).

A definição da Vieira (2013), acerca do conceito do desemprego mostra que a não ocupação no trabalho assalariado ou a procura não podem ser associadas ao desemprego, a sua percepção acerca do conceito, está mais ligada ao campo sociológico.

Agora vamos falar das causas políticas do desemprego formulado por Dathein (2003), das três grandes teorias econômicas, Neoclássica, Keynesiana, Schumpeteriana. O autor descreve as propostas de políticas econômicas para o desemprego, de acordo com cada uma das correntes econômicas. O desemprego para os neoclássicos é uma situação gerada pelos trabalhadores:

É uma situação de desequilíbrio e se manifesta, em princípio, como desemprego voluntário no sentido de que os trabalhadores estão tentando impor uma condição que não condiz com determinada pelo mercado (por exemplo, um salário real muito elevado), e os mecanismos deste mercado reagem produzindo o desemprego. (DATHEI, 2003 p.2).

Estes teóricos neoclássicos consideram que o desemprego é uma situação anormal do mercado de trabalho, que muitas vezes é gerado por falta de racionalização por parte de trabalhadores. Eles apontam o trabalhador como responsável pela não ocupação, como Dathein (2003) mostra numa passagem:

a teoria neoclássica entende a origem do desemprego como um problema atinente, em geral ao mercado de trabalho, como um problema da oferta de mão de obra, ou seja, por exemplo, a existência de um comportamento irracional por parte dos trabalhadores, ou seja, pela existência de uma rigidez na função de oferta de trabalho ou por problema de informação imperfeitas. (DATHEIN, 2003 p.3).

Os neoclássicos defendem que a situação do desemprego de longa duração que os especialistas chamam de desemprego involuntário é uma situação anormal, mas que poderia somente resolver se deixasse o mercado atuar livremente sem rigidez. Como o Dathein (2003) aponta:

a teoria neoclássica admite a possibilidade de desemprego involuntário e de longo prazo. No entanto, esta situação continuaria sendo sempre anormal e com causas

exógenas, que o mercado resolveria se não estivesse sendo impedido de atuar livremente. (DATHEIN, 2003, p.3).

A teoria neoclássica aponta que a situação do desemprego de longa duração, apesar de ser uma situação anormal, se resolve com a política de abertura de mercado sem a intervenção estatal nas áreas econômicas. Para autores neoclássicos o mercado deve se emancipar da política do Estado. Segundo Dathein (2003, p.3), para estes teóricos o desemprego é um problema microeconômico e não macroeconômico, um problema de oferta não de demanda, um problema de um mercado de trabalho e não de outros mercados.

De acordo com as teorias neoclássicas, as origens do desemprego se dariam em razão de exigências feitas por trabalhadores no mercado de trabalho, dentre as quais estão o direito a férias e auxílios. Segundo o DATHEIN a:

teoria neoclássica tenta dar resposta a todos os fatos da realidade e tenta se proteger de todos os tipos de críticas, mas, neste movimento, cria uma infinidade de modelos, construindo exceções ao seu núcleo teórico básico, buscando inclusive evidências institucionais em vários casos, de forma que, em consequência, acaba correndo o risco de virar uma “colcha de retalhos” teórica. Dessa forma, existiria uma teoria como núcleo teórico fundamental, e uma grande série de teorias ou modelos anexos, tentando se aproximar da realidade, o que pode ser entendido como sintoma de deficiência teórica. (DATHEIN, 2003, p.4).

Em contradição aos neoclássicos vem outra corrente que contradiz suas teorias. Segundo Dathien (2003), os teóricos keynesianos defendem que o desemprego não é gerado pelos trabalhadores, mas sim pela oferta e demanda do mercado do trabalho. Os keynesianos apontam oferta e demanda, como principal criador do conflito no mercado, a condição precária do trabalho que leva os trabalhadores a rejeitar o seu posto de trabalho recusa de más condições. Como aponta o Dathien os teóricos Keynesianos defendem que o:

Desemprego involuntário de trabalho e de capital físico são geradas pelo comportamento da demanda efetiva, que sofre as consequências da existência de incerteza e de instabilidade intrínsecas a uma economia monetária da produção, em que a moeda tem papel determinante, ao contrário das teorias neoclássicas, para as quais a moeda não tem este papel. (DATHEIN, 2003 p.4,5).

Os keynesianos defendem que mesmo havendo as pessoas dispostas para se trabalhar, o mercado continua oferecendo pouco espaço de ocupação, como eles mostram que não é oferta do trabalho que está em causa, são as demandas do mercado que criam barreira para classe operária. Como Dathein aponta que:

os trabalhadores desempregados não conseguem empregos mesmo se oferecendo para trabalhar por menores salários que os vigentes no mercado, pois não é o salário real elevado que está determinando o desemprego, mas sim a demanda efetiva muito baixa. Dessa forma, justificam-se ações governamentais, exógenas ao “livre mercado”, para tirar a economia do equilíbrio indesejado e levá-la ao equilíbrio de pleno emprego, ou também para manter a economia próxima a este estado. Além disto, mesmo que os mecanismos automáticos do mercado tirassem a economia da recessão, as políticas poderiam se justificar para acelerar este processo. (DATHEIN, 2003, p.5).

Os schumpeterianos tem a mesma ideologia que os céticos, defendem a não abertura do mercado económico, que o Estado deveria ser controlador ou regulador do mercado, pois se deixar nas mãos das grandes empresas corre o risco de tornar a sua economia dependente, isso pode gerar o desemprego que o Estado não vai combater rápido, gerando desemprego de longo prazo. Esta teoria defende que o Estado é quem pode criar os empregos para cidadão, através dos investimentos, aumento da renda, isso dá o consumidor poder da compra. Segundo o Cruz (2013):

a solução para este problema pode ser encontrada no aumento do investimento, ou seja, no setor produtivo da economia. O aumento da atividade produtiva gera demanda por outros fatores de produção. Com isso, são geradas rendas: mais salários, mais lucros, mais juros, mais aluguéis. Esse aumento de rendas traz aumento do consumo e da poupança, os quais irão influenciar de novo a produção, obrigando abertura de novos empregos. Neste sentido, algum investimento pode ser feito diretamente pelo Estado, devido à sua capacidade de financiamento e mecanismos para estimular o setor privado. (CRUZ, 2003, p.2).

Segundo Dathein (2003) as teorias schumpeterianas destacam as mudanças nas estruturas da oferta agregada como geradores potenciais de desemprego na medida em que estas geram a demanda por mão-de-obra. Esta teoria defende que nem a oferta e demanda estão na origem do desemprego, mas sim nas inovações, desenvolvimento económico e comércio internacional, os principais motivos de não ocupação de indivíduo, como aponta as teorias:

Schumpeterianas, as mudanças na evolução económica recente também geram modificações e atualizações teóricas, além de serem adaptadas de acordo com o momento do ciclo económico que se está vivendo. Com base em seu núcleo teórico, ou seja, no entendimento da dinâmica de desequilíbrio gerada pelas inovações e pelo desenvolvimento, e no funcionamento efetivo dos mecanismos de compensação, hoje a teoria schumpeteriana busca compreender os impactos estruturais causados, por exemplo, pelas novas tecnologias de informações e de comunicações e pelas mudanças no comércio internacional, que geram decadência e afluência de determinados setores económicos. Esta dinâmica gera impactos específicos sobre o mercado de trabalho, que reage, de acordo com suas características de flexibilidades e inflexibilidades, de modo que pode surgir o desemprego schumpeteriano. (DATHEIN, 2003, p.7).

Esta teoria na sua forma de pensar para resolver o problema da falta da empregabilidade,

é semelhante dos keynesianos – as formas de resolver o problema seriam criar investimentos, aumentar a renda dos funcionários e apoiar as pequenas empresas. Como o autor aponta:

Estimular a geração de empregos é o apoio às pequenas empresas e ao trabalho independente, como a criação de áreas industriais equipadas com infra-estrutura, oferecimento de serviços, concessão de apoios fiscais, comerciais e tecnológicos, e financiamentos (...) à medida que aumentar a automatização e a robotização da Economia, este setor tenderá a crescer, de forma que aumentará necessariamente a cota da renda social redistribuída pelo Estado. (DATHEIN, 2003, p.17).

Ao falar do desemprego, estas três teorias formuladas por esta corrente, ajudam perceber ou construir uma ideia acerca do problema, do modo como ele atua em diferentes sociedades. Mas não deixamos de dar o nosso ponto de vista e fazer crítica ao modelo neoclássico que pensa na mesma ótica capitalista.

Agora vamos introduzir um pouco do conceito de emprego que também é uma consequência do capitalismo, trazendo autores que falaram do conceito da empregabilidade. Reinert (2004, p.1,2) aponta que o emprego

é uma consequência específica do capitalismo. Ele é o elo formal entre o trabalhador e o modo da produção capitalista e não com uma organização específica, porque o trabalho é livre para escolher a organização por intermédio da qual sua ligação se efetiva.

Goutié (1998, p.75), por sua vez, define o emprego como “inscrição social e jurídica da participação dos indivíduos na produção das riquezas, sendo que o desemprego poderá ser definido como seu negativo. A própria formação da palavra desemprego deriva da família do emprego”.

Segundo Azevedo (1985), o emprego é um benefício econômico a ser esperado pelos indivíduos, que se encontra dentro da ótica do capitalismo que explora a classe operária.

Um benefício a ser esperado do crescimento econômico é a ótica do capital que tende a se justificar socialmente com o fato de que oferece lugares de trabalho a numerosas pessoas. Do ponto de vista destas pessoas que veem obrigadas a se esfalfar por toda vida em troca de uma remuneração quase nunca adequada o privilégio de ter para quem vender sua força de trabalho é duvidoso. (AZEVEDO, 1985, p.156).

Todos estes autores têm o mesmo ponto de vista em relação ao conceito do emprego, de que não passa de uma consequência deste modo de produção que dá mais valor ao capital e explora a classe operária. Podemos defini-la como a realização de uma série de tarefas em troca de uma remuneração monetária denominada salário. Nesta sociedade atual, os trabalhadores

vendem suas forças no mercado de trabalho, que está regulamentado pelo poder do Estado para evitar, em seus princípios, conflitos entre o empregador e o funcionário.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONCEITO DA JUVENTUDE EM CIÊNCIAS SOCIAIS

As juventudes são sujeitos com valores, comportamentos e visões de mundo com interesses e necessidades coletiva e singulares. Esse grupo social está emerso em uma sociedade com processos transitórios a partir de uma conjuntura familiar política estabelecida no contexto na qual pertence. Juventude acontece num período da vida que normalmente ocorre entre a infância e a idade adulta, é uma fase importante da vida que vai definir a pessoa, seus interesses, seus projetos e as suas relações com o mundo ao redor. Sempre foi muito difícil tentar definir as ideias e fases do homem com termos definitivos ou preceitos predeterminados. Isso pode ser apreciado de maneira muito mais evidenciada no caso do conceito de juventude, já que tais elementos variam em cada caso presente. Por tratar de uma etapa de procura de uma identidade, com alguma esperança ou desespero subjacente, uma grande quantidade de energia e de entrada para o mundo social independente. Existem alguns elementos que podem nos ajudar a compreender melhor o conceito da juventude. Por parte, como já foi dito, é a etapa da vida, que qualquer indivíduo passa obrigatoriamente, para estabelecer a nova identidade, que irá acompanhá-lo mais ou menos pelo resto da vida. Aqui não entram apenas as formas de se mover, comportamento ou agir, mas todas expectativas e sonhos que a pessoa pode começar a moldá-las para futura vida.

Podemos entender esse conceito também como a tomada de consciência da necessidade de se tornar independente da família, bem como ao mundo, composto por grande parte da sociedade. Este rompimento é preocupante, porque envolve a procura de equilíbrio entre as relações parentais e familiares da parte do indivíduo e as relações sociais com outros pela outra. Este período da vida é muito perturbante, porque envolve a procura de equilíbrio entre as relações familiares, por outro lado relações sociais com outros.

Nota-se que os estudos sobre o conceito da juventude são tratados em diversos campos dos conhecimentos, estes grupos sociais é abordado dentro destes campos em diferentes perspectivas, como psicologia, medicina, filosofia e sociologia, que torna o conceito muito rico no campo das ideias. Neste trabalho priorizamos a análise sociológica, que pensa a “juventude”

no plural e mostra que o conceito deve ser abordado de acordo com contexto que se encontram os indivíduos, pois existem várias juventudes. Não podemos pensar a jovem da zona rural a partir da urbana, assim como não podemos falar de jovem tradicional da mesma maneira que o moderno. Porque cada um desses grupos tem suas formas de reivindicações dos seus espaços. Pensar o jovem na sociedade moderna é diferente nos contextos tradicionais. Juventude no contexto modernização, tem todos os direitos de posicionar perante os problemas sociais na qual ele pertence, não importa se estiver errado ou certo, são os direitos que é dado pela lei, mas no contexto tradicional ele só faz parte, não toma nenhuma decisão sem consultar os anciões, se encontra todo tempo protegido pelos mais velhos. Vamos somente fazer análise dos jovens urbanos, tendo em conta nossa problemática que parte para análises do jovem na capital Bissau, sobretudo nas bancadas. Antes de relatar sobre a juventude guineense vamos trazer algumas referências que definiram tal conceito.

Segundo o Dayrell (2013, p. 42) (...) a juventude é um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida. O autor aponta que é uma fase de transformação que o indivíduo passa para atingir a vida adulta, que vai permanecer durante a sua vida.

O conceito de juventude emerge, pois, como uma fase centrada na reivindicação do prazer e da independência, da qual resultam diversos conflitos com os pais, professores e polícias, originando, por vezes, atitudes de violência “descontrolada”. Neste sentido, o jovem é um agente social direcionado para a realização futura, ou seja, a sua carreira profissional. Como mencionado, a juventude pode ser considerada como um problema para a sociedade como um todo, como também pode ser uma solução para a sociedade moderna, na medida em que, o segmento juvenil emerge, nitidamente, como uma potencialidade dentro de sua sociabilidade. (DOUTOR, 2016, p. 163)

Autora traz uma boa reflexão na definição do conceito da juventude, que os indivíduos ao chegarem a um determinado período da vida começa a reclamação dos seus direitos, para se tornar independente, no contexto familiar, pois quando menciona que esta fase pode ser um problema para sociedade, que na muitas das vezes ele é proibido do seu direito e liberdade de exercer a sua cidadania, de ter um emprego remunerado, para se poder tornar independente, se não usufruir de todo esse dever, torna um problema para a sociedade, torna uma pessoa marginalizada, a juventude torna uma solução para a sua sociedade, quando ele usufrui de todos os seus direitos, torna-se muito útil. Mas na Guiné-Bissau é totalmente contrário de pensar jovem como força motora do desenvolvimento.

Toda a definição que aparece a respeito do conceito, sempre vem a família como um dos obstáculos que a juventude procura romper primeiro, tendo em conta que é uma fase que o indivíduo sai da infância para vida adulta. Pappámikail (2010) vai apontar que a liberdade pode não ser a autonomia para o indivíduo, porque pode ter a liberdade no seio familiar, mas não tem autonomia para poder ficar independente dos pais, está reflexão nos remete a pensar no contexto guineense onde a maioria dos jovens já se encontram numa idade elevada, mas continuam sob a sombra das mães, que muitas das vezes desenvolvem atividade de venda de peixe, para obter a renda para sustentar a casa.

Segundo Ojala (2008) o debate acerca da temática começou após a segunda guerra mundial, nos EUA, onde categoria juventude começou a ser de grande interesse pelos pesquisadores americanos a respeito do conceito. Segundo Doutor (2016) a juventude nos anos 70 era associada a crises económicas, que são principais originadores de desemprego na entrada da vida ativa, mais a partir dos anos 80 os estudos sobre a juventude se intensificou, ganhou o novo espaço, e cresceu uns grandes interesses dos pesquisadores científicos e nas academias e sociedade em geral.

Na Guiné-Bissau a juventude começou a expressar-se escondidamente nos anos 60 através dos grupos musicais, fazendo a crítica ao sistema colonial imposto pelos colonizadores portugueses, que usurpava a sociedade guineense. Mas após a independência nos anos 1974, a situação não melhorou tanto, tendo em conta o sistema de liderança que foi estabelecido no momento, não dava campo para fazer as críticas, que era partido único, todas as instituições criadas, tanto rádio, jornal, televisão, tudo era nacional controlado pelo governo no momento, então qualquer crítica no momento, não tinha como ser ouvida. Mas com a chegada do pluralismo partidário, começaram as novas formas de organização social, que o Barros (2006) vai apontar a:

(...) emergência do pluralismo partidário na Guiné-Bissau favoreceu a explosão de novas formas de organização social, desde os partidos políticos, sindicatos livres e independentes, passando pelos agrupamentos de cariz² empresarial ‘autónomos’ até às organizações não governamentais e associações de base local e comunitária. (BARROS, 2006, P.5).

A partir destes anos da liberalização política a juventude guineense tomou a consciência da participação em massa na questão social, política e económica, exigindo os seus direitos chamando a atenção para questões de educação, formação, emprego, profissionalização, saúde

² Cariz empresarial, um grupo dos empresarios que surgiu após a independencia no país.

e participação política. Mas nem tanto está liberação política ajudou tanto na consolidação da política da juventude, porque até hoje não foi aprovado ainda uma política pensando nos jovens. Em 2012 no governo de Carlos Gomes Júnior, foi aprovado nos conselhos de ministros os projetos voltados para o empreendedorismo jovem, mas não conseguiu passar na assembleia, devido ao golpe de Estado que aconteceu. Em 2015, aconteceu o mesmo a política voltada para juventude estava dentro de programa do governo eleito, mas foi derrubado pelo presidente, a questão de instabilidade política que existe no seio da sociedade guineense tem prejudicado a luta da juventude guineense, em conquistar os seus direitos. A crise política, falta de oportunidade e falta da política para juventude, no país por muito tempo, faz com que os jovens guineenses vivem num mar de incertezas, não ter mais perspectivas futuras, por que tem indivíduos que depois de sair da formação, ficou sem emprego até nestes momentos com idade elevados, como essas pessoas podem projetar o futuro? Essa uma pergunta que vamos deixar para os leitores, na nossa análise de dados vamos trazer algumas pessoas que terminaram as suas formações, mas não conseguiram se empregar, já estão com idade muito avançado. Muitos jovens guineenses têm sido obrigados a abandonar o país, correndo muitas vezes, enormes riscos, porque não têm alternativas e os seus problemas não constam na agenda política do país.

Para um jovem conseguir emprego em Bissau, não é uma tarefa fácil, a não ser que tenha “ um cunho político” ou “ familiar”, a questão partidária tem grande peso, fazer campanha ou tornar eleitorado de um partido político pode conseguir emprego, a família é um dos fatores que pode influenciar na entrada no mercado de trabalho, isso vai depender do *status* da sua família perante a sociedade.

Nepotismo é uma prática muito vigente na sociedade guineense, onde um pai trabalha numa instituição por muito tempo, quando chegou a idade de reformar, ele coloca o filho no trabalho sem passar pelo concurso público.

A classe política guineense não tem preocupado com investimento na juventude, isso impede muitos jovens de darem o seu contributo para o desenvolvimento do país, mesmo estando em altura de responder as demandas de responder as modernizações, são impedidos por conta do sistema político do país.

O problema da juventude não aparece na agenda política, mas no período eleitoral é um dos pontos mais falados pelos políticos guineense, na caça ao voto, reconhecem os problemas dos jovens, mas depois de eleitos esquecem tudo o que ele tinha prometido para aquele grupo. Esse grupo torna-se muito relevante no período de eleição no país, surgem diversos programas políticos falando da má condição que se encontra os jovens no país, comprometendo-se com a

essa classe, prometendo resolver a questão da juventude, mas chegando ao poder esquecem desses grupos que os apoiou no momento das eleições. Já passaram vários governos no país que se comprometeu com os jovens, mas nunca cumpriu-se o com as promessas feitas durante a governação.

O sistema de liderança política guineense é viciado, tendo em conta que aparece somente os mesmos rostos na administração pública, que não deixam espaço para os jovens dar as suas contribuições, e aparece a pergunta o que podemos refletir a respeito. Como podemos subverter o sistema? A outra situação também que podemos constatar, nas taxas do desemprego, aparece mais mulheres sem emprego em relação aos homens, este problema podemos constatar isso na base familiar guineense, onde tem mais oportunidade para os homens.

5 ANSEIO DOS JOVENS FACE AO DESEMPREGO

Após análise feita nas respostas dos pesquisados, aparecem algumas categorias em comum, notamos que todos os pesquisados não conseguiram emprego depois de suas formações. Aparece também a outra questão que é dependência familiar, maioria depende da renda familiar, para poder manter a sua condição de sobreviver, e todos eles nas suas falas têm uma perspectiva de empregar um dia no aparelho público, no futuro ter uma aposentadoria, que o setor privado não dá esta condição. Os jovens estão muito preocupados com a situação em que se encontram, tendo em conta que poderia manter por resto da fase da juventude sem ter o emprego formal, como aparece na fala de uma das pessoas dentro da *bancada*, hoje com 40 anos e que está desempregada desde o término do seu curso médio:

As minhas expectativas quando estava estudando o curso médio de administração na escola nacional de administração (ENA), era quando terminar o curso ir ao mercado do emprego dar as minhas contribuições para o desenvolvimento socioeconômico do país. (...) A falta de emprego está me afetando bastante, qualquer homem sem emprego é como se fosse um prisioneiro, não vai ter a capacidade de responder as suas necessidades perante a sua família. (BRUNO, 40).

Esta fala faz nos refletir sobre o desemprego de longo prazo, que afeta de uma forma muito drástica os jovens guineenses, como o pesquisado aponta que desde o seu término do curso médio não consegue ter nenhum emprego formal, para poder apoiar a sua família na questão da renda. Na própria análise que fizemos dos pesquisados com idade menor deste aqui, observa-se o medo de atingir esta idade sem ter o emprego remunerado.

As juventudes guineenses se encontram numa situação muito delicada, na busca constante de bom emprego na Guiné-Bissau. Os jovens têm refugiado para outra área com uma má condição de trabalho, para poder sobreviver a este fenômeno devastador que está causando morte lento para esses jovens, como no caso de alguns meninos que trabalham com a área do pequeno comércio, somente para se segurar até quando conseguir um trabalho formal. Esta falta da empregabilidade para os jovens, torna eles muitos vulneráveis a qualquer trabalho precário. Muitas empresas privadas ou públicas aproveitam dessa oportunidade para explorar estes jovens na condição desempregado para lucrar da força de trabalho dessas classes mais prejudicadas com esse fenômeno, como eles estão numa situação vulnerável, acabam por aceitar esses tipos de trabalho, mas a empresa nunca efetiva, diga somente que a pessoa está estagiando e aproveitando ao mesmo tempo. Como aponta um dos participantes da pesquisa: “a minha rotina do cotidiano depois que fiquei desempregado tenho que funcionar como a gente de pacote numa agência de trânsito sem contrato assinado, recebendo cada dia do meu trabalho, se não trabalhar um dia não recebe também”. (NITO, 28).

Eu já presenciei uma situação que ocorreu no país, a empresa Orange uma empresa de telecomunicações do país vizinho *Senegal* que atua no país, colocou 50 pessoas para estagiar e depois para empregar, aqueles começaram o trabalho, chegou um momento que algumas pessoas estavam reclamando das condições do trabalho, e ganhavam salário menor e trabalhava mais horas a empresa por sua vez demitiu todos aqueles funcionários usando a teoria que depois vai chamar eles (as) para colocação. Os funcionários estagiários ficaram dois meses parados sem ser chamados por parte da empresa, então aquelas pessoas começaram a cobrar a empresa até entraram com ações na Justiça. Mas não adiantou em nada, o caso acabou por fechar sem a indenização por parte da empresa nem do governo, isso mostra quanto o fracasso do Estado guineense e a injustiça dentro da sociedade que não consegue solucionar o problema do seu povo. Segundo a pesquisa feita pela “organização internacional do trabalho (OIT), em 2012, os jovens guineenses se encontram 30% dos desempregados que é um total de 600 mil pessoas com a idade de trabalhar”³. A pesquisa engloba somente a juventude, tanto ensino médio, curso médio e licenciatura. Este fenômeno social tem afetado a vida de juventude na sociedade guineense há muito tempo, já fez muitos anos que escutamos vários discursos sobre jovem na Guiné-Bissau que a juventude é uma força motora para desenvolvimento do nosso país, mas que na verdade eles não é dada espaço para aplicar o que aprenderam durante formação, fica

³ <https://www.dw.com/pt-002/guin%C3%A9-bissau-sem-emprego-e-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-para-os-jovens/a-39407980>

somente nos discursos, não é posta na prática, os jovens são pessoas que mais sofrem com o desemprego na sociedade guineense, como sendo a força emergente de sociedade, mas não são aplicados, como:

A juventude é vista por Mannheim como um “recurso latente” a disposição em cada sociedade e de cuja mobilização depende da sua vitalidade. Algumas sociedades não utilizam desses “recursos latentes” privilegiando-se as experiências das gerações velhas. (MACHADO, 2014, p.18).

Qualquer que seja estado ou sociedade, a juventude tem um papel importante no âmbito do desenvolvimento, mas no caso da Guiné-Bissau, esse grupo não é aproveitado para a nossa sociedade. De acordo com a pesquisa bibliográfica realizada notamos que o mercado formal guineense tem mais números de empregados em relação ao informal, mas tendo em conta desorganização que se encontra dentro do aparelho público é muito alarmante, o Estado não controla quem entra quem sai, porque tem a questão partidária, quando um determinado partido chega ao poder, coloca as pessoas que tinha compromissado, tem indivíduos com a idade de reforma, tem pessoas que entraram com o apoio familiar ou dos amigos sem passar pelo concurso público, uma desorganização total. Esta desorganização causou um grande aumento dos trabalhadores no setor informal, como o mesmo estudo feito pela organização internacional de trabalho (OIT), em 2002, através do seu gabinete no país (PNUD), aponta que:

A economia informal, nomeadamente nas zonas urbanas, representa o segundo potencial de crescimento do emprego na Guiné-Bissau, após a agricultura, tal como acontece na grande maioria dos países da África Subsaariana (ASS). Estimativas da OIT indicam que o sector informal representa, na ASS, mais de 60% do emprego urbano total e cerca de 25% do emprego total dos diferentes sectores. Embora o sector informal urbano tenha conhecido um crescimento rápido (como resultado do alívio dos regulamentos verificados nas últimas décadas), a produtividade do trabalho neste sector diminuiu, o que conduziu a um aumento da pobreza nas zonas Urbanas. (OIT, 2002, p.10).

Este trabalho contribui para um grande crescimento na economia, mas com grande prejuízo, uma baixa mão de obra, onde as pessoas produzem mais ganham menos. Porque a partir do aumento de grande participação das pessoas nesse mercado o salário sofreu um grande equilíbrio, onde as pessoas fazem trabalhos baratos para sobreviver. As principais atividades que predominam neste mercado, (comercialização das bebidas, e peixes, prestação de serviços, pedreiros, canalizadores, carpinteiros, pintores eletricitas, vendas de roupas), são maiorias das atividades desenvolvidas no mercado informal, numa má condição. O setor informal guineense tem mais números das participações femininas em relação aos homens, elas se encontram numa

situação muito mais complicadas e ocupam sempre um lugar desprivilegiadas. Um dos fatores que contribuem para um grande crescimento das meninas no mercado informal sem qualificação, é a educação, que muitas delas os pais demoram para colocar nas formações em relação aos homens, a maioria delas se encontra no mercado junto da família a vender o recurso pesqueiro e outros viajam pelos países vizinho, a procura de roupa para revender ou criam os próprios negócios para não ficar muito tempo na dependência, como aponta uma das pesquisadas que o salário do pai:

não chega nem para dar sustento da casa, mas as vezes os meus amigos (as) me dá um apoio financeiro. (...) tenho a fonte da renda que não é formal, porque sou pequeno comerciante sempre viajo para país vizinho, Senegal para comprar as diversas mercadorias para vender. (...) não conto com ajuda dos meus pais, porque o rendimento deles. (EVA, 29)

Estas meninas enfrentam grandes dificuldades neste trabalho, tendo em conta a questão alfandegária que obrigam elas a pagar grandes taxas, que não deveriam ser cobradas porque fizemos parte da organização sub-regional que é comunidade económica dos Estados da África ocidental (CEDEAO), segundo esta organização, todos os países membros desta comunidade não devem pagar em qualquer fronteira pertencente a esta organização, que é livre circulação das pessoas de bens, mas o acordo não é respeitado pelo país vizinho *Senegal*, que acaba por ter um reflexo, nas pequenas comerciantes, que tem uma grande predominação feminina.

Nos questionários nota-se que a maioria deles (as) as famílias são de classe pobre, que trabalham no campo para manter suas rendas familiares. E as mães fazem trabalhos muito duros (vendedoras ambulante da água, cultivo das terras) para ajudar o marido nas despesas da casa. Desenvolvem atividade como badeiras de peixes no mercado, vendedor ambulante das águas, sorvete, nas ruas para contribuir com alimentação em casa, porque acontece muitas das vezes que a função pública demora com os salários, as atividades feitas pelas mulheres segura casa. Como aponta nas respostas das pessoas pesquisadas, as trajetórias das suas famílias, ressaltam as dificuldades enfrentados nos cotidianos.

No que diz respeito as trajetórias dos meus pais posso afirmar que é um sacrifício do dia-a-dia para conseguirmos sobreviver, o meu pai é camponês. Para cultivamos a terra temos que sacrificar muito porque trabalhamos sem a máquina. Depois do trabalho da colheita vem o outro sacrifício, que é de vender os produtos é difícil, devido à falta de poder da compra, isso faz com que a minha mãe vende água para ajudar na despesa da casa. (NITO, 28).

A nossa família é composta por cinco membro, as trajetórias dos meus pais durante a vida no país, nada menos que um sacrifício diário, porque o meu pai é mecânico naval, o único da família que trabalha e o seu rendimento não consegue cobrir todas as despesas da família, por isso a minha mãe tornou vendedora ambulante, vende água

fresca, sorvete e gelo. (DIANA, 26).

Posso dizer que os meus pais ocupam na sociedade a classe pobre, porque as trajetórias é nada menos que sacrifício, o meu pai é antigo combatente reformado, a pensão que ele recebe mensalmente não chega para despesas da casa e a minha mãe, e ninguém da família trabalha. (EVA, 29).

Ao trazermos a respostas destas pessoas das suas trajetórias familiares, percebemos nas respostas dadas, maioria destas pessoas são da classe baixa e desfavoráveis, que influencia diretamente na inserção no mercado de trabalho, tendo em conta o *status* familiar perante a sociedade. Ao falar em posição familiar perante a sociedade tem uma pessoa nas respostas dadas que pertence à classe média que aparece sem emprego. Segundo Litos, (25), as trajetórias dos pais são brilhantes, o pai é psico-sociólogo, trabalha no setor público, a mãe é enfermeira trabalha também no setor público. Percebemos na análise que para ele o desemprego é menos afetante, por ter pais que trabalham, e tem boa condição. Se ele tinha feito a mesma formação do pai ou da mãe tem mais oportunidade de se empregar em relação aos outros. Este tipo de pessoa torna difícil trabalhar no setor informal, devido à classe que a família pertence. O próprio pesquisado aponta que os seus pais têm ajudado para não ficar tanto preocupado com a sua situação de desempregado.

“(...) o desemprego está me afetando emocionalmente com o estresse e preocupação, mais com ajudas dos meus pais eu supero este sentimento”. (LITOS, 25).

Nas quatro respostas selecionadas para incorporar no corpo do trabalho percebemos que todos se encontram desempregado desde a saída da formação deles (as), e continuam permanecendo até agora no momento e os três possuem fonte da renda, somente um que aparece sem a fonte. A Diana (26), afirmou que possui apartamento, e alugou para ter uma renda mensal, que vai suprir algumas das suas necessidades. Na resposta dela observamos que ela ajuda na contribuição na casa dos pais. E neste momento todo parado sem um emprego formal, tem feito o curso da língua francesa para não ficar parado, a própria língua influencia na procura do trabalho.

O Lito (25), alega que não possui a fonte da renda, recebe apoio dos pais para suprir algumas necessidades. Durante este tempo sem o trabalho formal, ele salienta que está fazendo a língua inglesa, para não ficar parado. O Nito (28), afirma que possui a fonte da renda, que é fonte muito vulnerável, jogos na lotérica, se ganhar é bom, no dia que você perdeu tem que sofrer, o que na verdade não pode ser considerado como uma fonte confiável, porque conta com muita sorte. E salienta que esse tempo todo sem emprego tem desenvolvido atividades numa

agência de trânsito como *paquete*⁴. A última, Eva (29) reitera que possui fonte da renda nas suas atividades de pequeno comerciante, todo este tempo desempregado, esta atividade tem ajudado ela para conseguir a renda para suprir as suas necessidades básicas.

As respostas das pesquisadas (os) dá para fazer uma reflexão e crítica aos nossos governantes que não priorizaram a juventude para desenvolvimento do país. Os jovens guineenses não são usados como um recurso humano, o nosso mercado usa mais pessoas velhas, isto mostra que os jovens têm sofrido muito na inserção no mercado trabalho na sociedade guineense, esta não espaço de emprego para o jovem expor aquilo que tem como ferramenta, acabam por criar uma convulsão social e tornam-se facilmente influenciados, muitas das vezes pelos nossos políticos, a fim de se tornarem também corruptos no meio social e passam a promover algumas atitudes que não são adequadas, digamos de ponto de vista social, preocupamos muito. Destacamos também os fatores como caso do uso de drogas, violência, prostituição e aumento de gravidez precoce. As pessoas que participaram da pesquisa apontam que têm enfrentado muita dificuldade para conseguir emprego – elas fizeram várias tentativas de conseguir o emprego, enviaram currículos, fizeram concurso, mas não foram chamadas até agora.

Fiz concurso numa empresa privada, mais até agora não fui chamado e estou aguardando para empresa me chamar. (N, 28).

Desde o meu regresso do estudo, tenho feito muitas coisas para obter um emprego, mais sempre com a esperança e fé de que o meu dia chegar. Enviei diversas cartas de pedido de emprego e currículos anexados. Fui chamado no mês de novembro de 2018 ara entrevista numa empresa chamado “PCCI BISSAU”, passei a primeira fase mais infelizmente na última fase não consegui. (LITO, 25).

Nesse tempo todo eu fiz várias tentativas para conseguir o emprego envie currículos, prestei concursos nas empresas privadas, só que não fui chamado tendo em conta a burocracia do país para conseguir o emprego que ser suportado por alguém do dentro. (DIANA, 26).

Tenho feitos várias tentativas para conseguir emprego, enviei currículos em várias instituições, prestei concursos, mais nunca fui chamado para entrevista devido a de emprego política de emprego no nosso país. (EVA, 29).

É possível verificar com os relatos que durante este tempo todo desempregado, eles (as) têm feito várias tentativas para conseguir o emprego nas empresas privadas, dá para perceber nas respostas que o setor público não lança o concurso. E é possível observar que a maioria

⁴ Panquete, são pessoas que leva os documentos de um ministério para outro, como na Guiné-Bissau, não tem um grande aparatos de tecnologia que facilitaria essa movimentação de um lado por outro, e a outra coisa também, nem todos os funcionários públicos sabem trabalhar com computadores.

deles (as) não foram chamados pelas empresas que eles (as) submeteram os currículos. E segundo a resposta de uma pesquisada Diana (26), quando fala *burocracia*, está tentando mostrar o nepotismo que existe nas instituições, para ela conseguir emprego num determinado setor precisa conhecer as pessoas que trabalham naquelas instituições ou ter cunho familiar para ser chamado. Isso é uma verdade que eu já sei que existe na sociedade guineense, para conseguir empregar precisas desses fatores para concretizar o seu sonho. Há muita injustiça no mercado de trabalho guineense, tanto no setor público e privado.

Nota-se muito desespero com nas respostas dos jovens guineenses, os que estão nas formações como se enxergam esta situação? Se vão passar por mesmo situação que estes (as) estão passando? Vamos deixar o leitor refletir a respeito da pergunta.

Com esse constante obstáculo na vida dessas pessoas, imaginamos como essas pessoas enxerguem a perspectiva do futuro. Com dificuldades para conseguir o primeiro emprego, a juventude observa a realidade com desencanto. Esta falta de empregabilidade aos jovens, isso interfere diretamente na sua autoestima e nas suas condições como cidadãos, ao perceberem-se como formados e desempregados, os jovens se tornam colocados novamente numa condição de dependência de outros, isso não afeta apenas sua vida economicamente, mas também como social e emocional.

A Guiné-Bissau, após a independência até os anos 1980, antes do Golpe de Estado o país gozou um pouco da sua autonomia, mesmo assim a economia guineense era vulnerável. O sistema econômico do país dantes era controlado pelo governo que regulava o preço de mercado, mas depois que Estado abriu o comércio livre, a maioria dos jovens começaram a empreender no país e criar os seus próprios negócios. Após a guerra civil que durou mais de 11 meses, o conflito político militar, o país sofreu uma grande baixa economicamente, já não consegue andar sem ajuda externa, a situação de juventude complicou mais, a guerra demoliu grandes infraestruturas que empregavam muitas pessoas, alguns deles a *montagem de carro*, ” *n’ghaei*⁵, *indústria de cerveja e fábrica de leite blufo*⁶, *compota do Bolama*, até nos dias de hoje somente a indústria da cerveja que começou a funcionar, mas é privado agora.

Setor privado que empregava quase um terço de população no país, foi para falência, o

⁵ N’gaei é uma fase que todos os pertencentes da etnia Balanta passa para atingir a fase adulta.

Balanta é um dos grupos étnicos que se encontra na Guiné-Bissau, o nome dessa indústria de montagem de carro foi dada a partir desse grupo.

⁶ Blufo é a nome que é dado as pessoas, que passaram fase iniciação de uma ritual, chamado fanado, todo grupos étnicos da Guiné-Bissau, falam essa expressão, porque todos grupos étnicos do País tem esse ritual de iniciação a vida adulta.

conflito levou quase toda economia dessas empresas que atuam no país, porque no momento da guerra o país parou de produzir, e a população sobreviveu através dessas empresas que estavam atuando no país. Desde esse conflito até hoje o país não conheceu mais a estabilidade política, sucessivas derrubadas dos governos e golpes de Estados.

Com todas essas dificuldades de realizar os seus (as) os jovens estão vivendo em medida do possível com o trabalho informal, sobretudo as meninas que tem uma participação de massa no mercado pesqueiro do país.

Segundo os dados oficiais da conferência das nações unidas sobre o comércio e desenvolvimento, (UNCTAD) em 2015 50% da economia da Guiné-Bissau é sustentada pelo mercado informal, isso mostra a força de trabalho usado por esses jovens desempregados que estão numa situação de subemprego, assegura mais da metade de economia da Guiné-Bissau. Mas continua vivendo nessa informalidade sem apoio do governo no sentido de melhorar a condição precária desse grupo ou dar mínimo de motivação. Como sendo o jovem pertencente está sociedade, tenho esperança que um dia o país conhecerá estabilidades e boa governação.

Nas respostas dadas observa-se, numa situação do desemprego, a questão financeira não é o único agravante. É preciso olhar com muita atenção os distúrbios emocionais decorrentes deste contexto, como a tensão e a ansiedade que minam à autoestima do indivíduo que por sua vez descrese de si mesmo. Envergonhados optam-se por isolar dos amigos e familiares. O impacto emocional do desemprego é muito maior sobre os homens. Apesar das mudanças culturais, ele ainda se vê como provedor, que tem que se empregar. Sentindo-se humilhados e desamparados não é difícil instalar-se a depressão ou outro transtorno psiquiátrico que, sem ajuda de profissional, ao agravar-se, pode levar a pessoa a loucura. Pode-se, então, afirmar que mais do que um problema meramente económico, o desemprego elevado é um problema psicológico e social. Desta forma, é fundamental que a análise e avaliação do desemprego ultrapassem a lógica puramente económica, englobando também a própria pressão psicológica que dado fenómeno promove sobre o desempregado. A deterioração do mercado de trabalho para os jovens é preocupante porque traz efeitos não só no curto prazo, mas também no longo prazo, uma vez que está fazendo os pais desperdiçar o investimento feito para formação do filho.

Conseguir uma colocação no mercado de trabalho é um desafio para a maioria das pessoas. E estes desafios é ainda maior para os jovens que terminam formação a procura do primeiro emprego. Esta dura realidade apresenta um cenário no qual jovens formados, seja na universidade ou faculdade não encontram colocação profissional. Em todas respostas

percebemos um problema, que fizeram várias tentativas e concurso no setor privado não foram chamados, notamos a desconfiança por parte dos empregadores, quanto a falta de qualificação e maturidade. Muitas empresas privadas não possuem capacidade para absorver, treinar e propiciar progressão profissional da pessoa que nunca trabalha na vida. Tudo indica que quem entra no mercado de trabalho hoje, procurando o primeiro emprego vai enfrentar a concorrência de pessoas com experiência. Os fenômeno do desemprego estão, também, associados o aumento dos casos de violência conjugal e um novo conceito de pobreza, à qual podemos denominar de “pobreza envergonhada”, talvez a mais difícil de ser gerida ou vivenciada pelas próprias pessoas. No contexto da família, o desemprego provoca desestruturação e desorganização familiar, sendo os jovens as principais vítimas desta situação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se imperial começar a fazer pesquisa sobre o desemprego na camada juvenil, porque jovens são um dos grupos sociais que mais sofrem, com esse fenômeno social, o que tem gerado um alto índice de violência. Destaca-se também a enorme dificuldade em pesquisar a temática, sobretudo, em função da falta de obras escritas sobre essa problematização na sociedade guineense, o que torna esta pesquisa ainda mais importante. Presente trabalho servirá como uma das fontes credíveis para qualquer pesquisador que quer conhecer as dificuldades, que os jovens guineenses têm enfrentando ao sair da universidade para se inserir no mercado de trabalho.

É muito relevante trazer as dificuldades enfrentados por jovens para inserir-se no mercado, sobretudo os jovens que se encontram nas bancadas sem ocupação. É importante começar a pensar estas questões nas academias, levar para academia é alertar os que já estão formando para se preparar ao enfrentamento no que tange o desemprego. É importante trazer o problema da juventude para campo acadêmico para ser discutida e ajudar a resolver. Apesar de não existir muitas bibliografias a acerca desse fenômeno no país, como tinha dito antes que é um problema que a sociedade começou a se despertar através do associativismo, vai ter pouco referencias.

Muitos jovens desmoralizaram, somente pensa em imigrar, mesmo passando mal no estrangeiro, esta falta de emprego leva muitos jovens a ter este tipo de pensamento, mas tem gente que já estão emigrando a procura de boa condição de vida. A temática busca apresentar

questões da juventude e refletir sobre a importância da participação dos jovens na construção do desenvolvimento da sociedade guineense. A partir das análises feitas pude perceber as dificuldades no seio da juventude guineense, da zona urbana face ao desemprego. Onde percebemos nas respostas que a nossa hipótese, que partimos para realização do nosso, percebemos que a falta da política voltada para juventude, tem contribuído para um grande aumento do desemprego jovem e pobreza no país. Podemos destacar também a instabilidade política que se encontra desde do golpe de Estado, do ano 80, que vai culminar com a grande desconfiança política no país. Onde nenhum executivo conseguiu terminar os seus mandatos, sucessivas derrubes dos governos, golpes militares, este são um dos fatores que não permite o país atingir um desenvolvimento sustentável, que vai garantir o emprego e boa condição para os seus cidadãos. Durante a pesquisa percebemos também que as grandes empresas públicas e privadas estão todos centralizados no capital, Bissau, faz com que o capital tem mais número de população em relação as outras regiões. pode estar também nos fatores que contribui para o aumento da pobreza na cidade e desemprego no capital. E notamos também a desorganização no aparelho público do país, onde verificamos que não tem o concurso público, as pessoas inserem-se por meio das questões partidárias e familiares. O nepotismo é muito vigente no mercado de trabalho guineense, para empregar numa boa instituição precisa de cunho político para se estabelecer, então este fator acaba por refletir nos jovens, da classe pobre que não tem nenhum vínculo partidária.

E outro fator que constatamos durante a pesquisa e nas respostas dadas, o fenômeno desemprego afeta mais os meninos em relação as meninas emocionalmente, tendo em conta o fardo que a sociedade construiu a respeito aos homens, responsabilidade familiar, este fator faz com que o homem se afasta da família, sociedade, quando está sem ocupação, sente a vergonha. Nas meninas notamos que é pouco notado, devido a estrutura da dominação do patriarcado, que podemos verificar nas respostas dadas por elas, o fato é pouco preocupante para meninas, porque já se encontram nessa situação. Durante trabalho as referências que nos lemos para fazer o diálogo com a tema que nós escolhemos para pesquisar, tornou a pesquisa mais objetiva na procura melhor compreensão deste fenômeno como incide sobre a juventude guineense a partir das bancadas. Todos os fatores mencionados acima são principais causadores do desemprego no seio das jovens pobre do capital, a Bissau. E sem esquecer destacar durante as leituras e análises das respostas, sempre tivemos um choque com a informalidade, que aparece nas literaturas lidas durante o trabalho e nas próprias respostas dadas pelos pesquisados. Que futuramente vai ser o nosso problema de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Beatriz Regina Zago. **Emprego, desemprego e subemprego: uma revisão da literatura crítica**; Ensaios FEE, Porto Alegre,6(1):155-168,1985. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/928/1213>
Acesso em: outubro/2018
- BARROS, Miguel. **Economia informal e estratégias juvenis em contexto de contingência**. INEP/Guiné-Bissau, 2006. Disponível em: <http://www.cisa-as.uevora.pt/download/EncontrosEmpreendedorismo/Artigo%20de%20Miguel%20de%20Barros.pdf>. Acesso: janeiro/ 2018
- CRUZ, Wallacy Luiz Vargas. **O fenômeno do desemprego segundo a ótica de Marx**, CONVIBRA: 2013. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/2013/31/2013_31_7157.pdf
Acesso: 03 janeiro de2018
- DATHEIN, Ricardo. **Teorias econômicas e políticas contra o desemprego: uma avaliação das diferentes propostas**, UFRG: 2003. Disponível em: https://www.ufrgs.br/fce/wp-content/uploads/2017/02/TD08_2003_dathein.pdf
Acesso: 07 janeiro de 2018.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. UFMG—FE, 2003
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>
Acesso: janeiro/ 2019
- DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método criatividade**, vozes 1994, Minayo, Cecilia de Souza (organizadora) Petrópolis R.J: 2002.
- DOUTOR, Catarina. **Um olhar sociológico sobre os conceitos da juventude e de praticais culturais: Perspectivas e reflexões**. Última década, num, 45, diciembre-, 2016, pp, 159—174, centro de estudos sociales, Valparaíso-Chile.
- DOVE, Nah Dorothy. **Uma Crítica Africano-Centrada à lógica de Marx**, jornal ocidental dos estudos negros, vol.19, No.4, 1995. Disponível em: <https://estahorareall.files.wordpress.com/2015/12/uma-critic81tica-africano-centrada-acc80-locc81gica-de-marx-nah-dove-pdf1.pdf>
Acesso em dezembro/ 2018.
- FERREIRA, Mário César. **Atividade, categoria central na conceituação de trabalho em ergonomia**, 2000. Disponível em: file:///C:/Users/pc/Downloads/Atividade_categoria_central_na_conceituacao_de_tra%20pdf. Acesso em: novembro/2018.
- GAUTIE, Jérôme. **Da invenção do desemprego à sua desconstrução**. Mana [online].1998, vol.4, n.2, pp.67-83. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131998000200003>.

Guiné-Bissau. **Documento quadro para uma política de emprego na Guiné-Bissau**, Secretaria de estado da solidariedade social e emprego, 2002.
Acesso em: janeiro/2018

LESSA, Sérgio. LUKACS: trabalho, objetivação, alienação, São Paulo, 15: 39-51, 1992.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v15/v15a02>
Acesso em: novembro/ 2018

MARCONDES, Danilo. **Iniciação a história da filosofia: dos pré-socráticos a wittgenstein/** 2.ed. ampl.- Rio de janeiro: zahar,2007.

MOORE, Carlos. **O marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e a escravidão—**Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010. (Coleção repensando África, volume 5).

OCIO, Domingo Zurrón. **O emprego na teoria econômica**, eaesf/fgv/npp - núcleo de pesquisas e publicações: 1995. Disponível em:
<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2951/Rel11-95completo.pdf>Acesso: 13 novembro de 2018.

OJALA, Raisa. **Projetos de futuro jovem universitários no distrito federal: Um estudo de caso.** 2008. (Tese de Doutorado) - instituto de ciência sociais- universidade de Brasília, Brasília.

OLIVEIRA, Renato Almeida. **A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas**, Kínesis, Vol. II, nº 03, abril-2010, p. 72 – 88 Disponível em:
http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/6_RenatoAlmeidadeOliveira.pdf. Acesso em novembro/ 2018.

PAPPÁMIKAIL, Lia. **Juventude (s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta.**

Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 395-410
Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8809.pdf>
Acesso: janeiro / 2019

PEREIRA, Cláudia da Silva. **O conceito de “juventude” na Publicidade: Modernidade, felicidade, sociabilidade, amizade e liberdade.** PUC-Rio,2009
Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0741-1.pdf>
Acesso em: janeiro/ 2019

PERES, Thiago Brandão. **Informalidade: Um conceito em busca de uma teoria**, Revista da ABET, v. 14, n. 2, Julho a Dezembro de 2015. Disponível em:
[file:///C:/Users/pc/Downloads/27956-60465-1-SM1%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/27956-60465-1-SM1%20(1).pdf)
Acesso: fevereiro/2019

PERTILLE, José Pinheiro; MIRANDA, Marloren Lopes. **O conceito de Trabalho em Hegel: formador da consciência**, XI Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 09 a 12 de agosto de 2010. Disponível em:
http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Ciencias_Humanas/Filosofia/82743-MARLORENLOPESMIRANDA.pdf Disponível em:

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardenia Monteiro. **Um toque de clássicos**- 2. ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 159 p.— (aprender) ISBN: 85-7042-317-3.

REINERT, José Nilson. **Desemprego**: causas, consequências e possíveis soluções; UFSC: 2001. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000419.pdf>
Acesso em: outubro/ 2018

SILVA, Dorotéa Bueno; SILVA, Ricardo Moreira; GOMES Maria de Lourdes Barreto. **O reflexo da terceira revolução industrial na sociedade**, ENEGEP: 2002 Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2002_tr82_0267.pdf
Acesso: novembro/2018.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**; tradução José Marcos Mariani de Macedo; Revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice de remissivo Antônio Flávio Pierucci. – São Paulo: companhias das letras, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 - Questionários aplicados as pesquisados

» Contar o seu nome completo e idade, ano término de formação e confirmar se posso usar a suas respostas para citar dentro do trabalho.

»Falar um pouco sobre as trajetórias dos seus pais para entendermos, que classe a sua família ocupa dentro da sociedade. (Média ou pobre)

»Como o desemprego está te afetando emocionalmente?

»Como tem sido sua rotina depois que ficou desempregado?

»Quais eram suas expectativas quando estava estudando? Em que setor você esperava trabalhar?

Você conta com alguma ajuda de familiares ou amigos para pagar suas despesas?

Você tem alguma fonte de renda que não seja o trabalho formal?

Que atividade você tem desenvolvido para permanecer, até quando conseguir se empregar?

Os trabalhos informal que tem desenvolvido por este tempo todos, consegui suprir as suas necessidades?

O que tem feito? Enviou currículos? Prestou concursos? Foi chamado para alguma entrevista nos últimos 3 meses?

Onde você quer mais empregar? Aparelho de Estado ou privado?

Como a falta de emprego tem te afetado?

Anexo 2 - Respostas dos pesquisados

Bruno (40), Bairro, (40) Reno Ndjaka

1) - O meu nome e Bruno, tenho 40 anos de idade confirmo que pode citar as minhas respostas dentro do seu artigo.

2) - O meu pai e Combatente da Liberdade da Pátria, foi funcionário do Ministério da Educação Nacional onde ocupou o cargo do chefe do departamento deste ministério de 1993 até a data da sua morte (1999), pai de nove filhos e cinco mulheres, a minha mãe e doméstica, mãe de quatro filhos. A classe que a minha família ocupa dentro da sociedade e a classe pobre.

3) - O desemprego está me afetando emocionalmente, porque, o emprego é uma obrigação uma necessidade humana que consegue resolver os problemas sociais, por exemplo: Saúde, Educação, Alimentação, Habitação, etc.... Um indivíduo sem emprego não consegue viver condignamente.

4) - A minha rotina quando fiquei desempregado e seguinte, fui para Faculdade de Gestão e Contabilidade na Universidade Colinas de Boe, mas não concluí a minha licenciatura por causa da situação financeira, daí fiquei parado e sem solução.

5) - As minhas expectativas quando estava estudando o Curso Médio de Administração na Escola Nacional de Administração (ENA), era quando terminar o curso ir ao mercado do emprego dar as minhas contribuições para o desenvolvimento socio-economico do país.

6) - Claro que sim, eu conto com ajuda das minhas familiares e amigos para pagar as minhas despesas.

7) - Não tenho nenhuma fonte de receita a não ser as minhas famílias e também com apoio dos meus amigos.

8) - Não tenho nenhuma atividade a desenvolver até neste momento, a razão é de que o nosso contexto sócio-político. Não há políticas para o desenvolvimento no setor privado.

9) - Não tenho nenhum trabalho a desenvolver atualmente, consegue suportar as minhas necessidades graças as minhas famílias e amigos.

10-Tenho feito muitas tentativas a procura de emprego, sim enviei os meus currículos para diferentes instituições, empresas e ONG e não fui chamado para nenhuma entrevista neste último três meses.

11-Eu quero empregar no aparelho de estado, porque tem mais garantia.

12-A falta de emprego está me afetando bastante qualquer homem sem emprego é como se fosse um prisioneiro não vai ter a capacidade de responder as suas necessidades perante a sua família.

Litos (25), Bairro, Cintra.

1) Chamo-me Litos, tenho 25 anos de idades sim, podes usar a minha fala no seu artigo, mais deixa o meu nome sob forma "anônimo", terminei o meu curso médio em Direito no ano 2015 em Senegal.

2) Posso te dizer que as trajetórias dos meus pais são brilhantes, o meu pai é psico-sociologo e trabalha no sector público (Estado) e a minha mãe é enfermeira e trabalha também no mesmo sector. Eles desempenham as suas funções com grande responsabilidade, rigor e humildade. A nossa família pertence classe média dentro da nossa sociedade.

3) Para te dizer que o desemprego está me afetando emocionalmente com o estresse e preocupação mais sempre com a ajuda dos meus pais para tentar supera-las.

4) A minha rotina tendo sido normal com o foco no objetivo e de encontrar o emprego o mais rápido possível.

- 5) Quando eu estava estudar como e obvio, as minhas expectativas eram de encontrar um bom trabalho para ajudar a família e gosto de trabalhar no sector público porquê das mais garantias.
- 6) Sim, conto com a ajuda sobretudo dos meus pais para cobrir todas as minhas despesas.
- 7) Para ser honesto "não".
- 8) A atividade que estou fazendo no momento é o estudo da língua inglesa. Estou aproveitando este tempo estudando inglês.
- 9) Os trabalhos informais não conseguem suprir todas as minhas necessidades porque são trabalhos de "parttime".
- 10) Desde o meu regresso do estudo, tenho feito muitas coisas para obter um emprego mais sempre com a esperança e fé de que o meu dia vai chegar. Enviei diversas cartas de pedido de emprego e currículos anexados. Sim, foi chamado no mês de novembro de 2018 para entrevista numa empresa chamada "PCCI BISSAU" passei a primeira fase mas infelizmente na última fase não consegui.
- 11) Na verdade, quero me empregar no aparelho de estado porque como todos nós sabemos o estado da mais garantia em relação ao sector privado.
- 12) A falta de emprego tem me afetado muito em termo emocional e financeira, porque quando eu estava estudar pensei que no regresso ao meu país vou conseguir o emprego tão rápido e começar a ajudar a família em vez deles continuam a me ajudar até no momento. Eu não sabia na altura para conseguir um emprego não é uma coisa fácil na Guiné-Bissau meu país concretamente na Guiné-Bissau tendo em conta a situação sócio-político. A situação é muito triste e desmotivadora, mas tenho sempre a fé de que este momento vai passar e melhores dias virão.

Anexo 3 - Diana (26), Bairro, Cintra.

- 1-EU me chamo Diana 26 ano de idade confirmo que pode citar as minhas respostas no seu artigo, terminei o meu formação no ano 2015, em administração
- 2-A nossa família é composta por cinco membro, as trajetórias dos meus pais durante a vida na terra é nada menos de que um sacrifício diário, porque o meu pai é mecânico naval ele é o único na família que trabalha e o seu rendimento não consegue cobrir todas as despesas da família por isso a minha mãe tem que torna na vendedora ambulante, vende entre quais, agua fresca, sorvete e gelo.
- 3- O desemprego está me afetando emocionalmente, porque com falta de emprego estou

totalmente preocupado com a minha vida daqui para frente, o que vai ser me para frente, sem conseguir resolver as minhas necessidades.

4-Depois que eu fico desempregado as minhas rotinas torna um pouco complicado, porque ando de cabeça chateado com muito estresse sem dinheiro para permitir as minhas trajetórias diárias par procurar o emprego.

5-As minhas expectativas quando estou a estudar é de dar contribuição para o desenvolvimento do meu país, espero trabalhar no sector público.

6-Para ser sincero eu com apoio dos meus familiares e amigos para as minhas despesas.

7-Na verdade posso dizer sim, porque a fonte de renda que eu tenho que não seja trabalho formal, tenho apartamento que recebo renda mensal.

8-A atividade que estou a desenvolver até hora que conseguir um bom emprego, nesse momento estou a aprender língua francês.

9-Os trabalhos informal que estou a desenvolver não consegue suportar as minhas necessidades devido o encargo que eu tenho.

10-Nesse tempo todo eu fiz várias tentativas para conseguir o emprego enviei currículos, prestei concursos nas empresas privadas, só que não fui chamado tendo em conta a burocracia do país, para conseguir o emprego tem que ser suportado por alguém lá dentro.

11-Para ser honesto eu queria trabalhar no aparelho do Estado, porque tem mais garantia depois de ser reformado.

12-A falta de emprego tem me afetado muito bastante quer do ponto vista econômico-financeiro, psicológica e moral, porque imagina uma mulher sem emprego, o que vai pensar é como se fosse um vazio no mercado de trabalho para ela.

Anexo 4 - Eva, Bairro, Reno Ndjaka

1-Eu me chamo Eva, tenho 29 anos de idade confirmo que pode usar as minhas respostas no seu artigo, terminei o meu curso em 2011, em Contabilidade.

2-Posso dizer que os meus pais ocupam na nossa sociedade a classe pobre, porque as trajetórias é nada menos de que um sacrifício o meu pai é antigo combatente já é reformado a pensão que ele recebe mensal não chega para despesas da casa e a minha mãe não trabalha e na família ninguém trabalha.

3-O desemprego está me afetando de uma forma muito emocional com preocupação e estresse, mas posso dizer com ajuda dos meus amigos e em particular dos meus familiares estou tentar

supera-la de uma forma normal.

4-A minha rotina depois que fiquei desempregado eu ando todos os dias a procura de emprego para poder ajudar os meus pais, mas toda a minha caminhada esse tempo não surgiu efeito, porque não consegui o emprego.

5-As minhas expectativas quando estou a estudar era grande, porque eu queria dar minha contribuição ao meu país e quero trabalhar no sector público.

6-Na verdade não conto com ajuda dos meus pais, porque o rendimento deles não chega nem para dar sustento da casa, mas as vezes conto apoio dos meus amigos e amigas.

7-Sim tenho a fonte de renda que não seja trabalho formal, porque tornei na pequena comerciante sempre eu fui ao Senegal para comprar as diversas mercadoria para vender.

8-As atividades que eu estou a desenvolver para permanecer até que eu consigo emprego e empregar é atividade comercial.

9-O trabalho informal que estou a desenvolver não consegue suprir as minhas necessidades, porque a nossa família é pobre tenho que apoiar nas suas despesas.

10-Tenho feitos várias tentativas para conseguir emprego, enviei currículos em varias instituições, prestei concursos, mas nunca fui chamado para entrevista devido à falta de política de emprego no nosso país.

11-Para ser honesto eu quero trabalhar no sector público, porque tem mais garantia depois da reforma.

12-A falta de emprego tem tido me afetando muito em várias formas, entre quais: social, psicológico, moral e financeiro, essa situação é desmotivam-te nessa altura eu deveria estar na condição do ajudar os meus pais

Respostas do Nito (28), Bairro, Cintra

1-Eu chamo Nito tenho (28) anos de idade, confirmo que você pode usar as minhas respostas no seu artigo e terminei a minha graduação em administração no 2014.

2-No que diz respeito as trajetórias dos meus pais posso dizer que é um sacrifício de dia a dia para conseguirmos sobreviver, o meu pai é camponês para cultivamos a terra temos que sacrificar muito porque trabalhamos sem a máquina, depois da colheita continua o sacrifício, porque para vender os produtos é difícil devido falta de poder de compra, isso obriga a minha mãe vender água para ajudar no sustento da casa.

3-O desemprego está me afetando muito emocionalmente do ponto vista financeiro e moral,

porque o emprego é a força motor de qualquer pessoa permite o indivíduo resolver suas necessidades e pensar no seu futuro, mas com desemprego causa transtorno na cabeça.

4-A minha rotina de dia a dia depois que fico desempregado tenho que funcionar como agente de pacote numa agência de transito mas sem contrato recebo tendo em conta trabalho, se não á trabalho não recebo.

5-A expectativa quando estou estudando é de dar contribuição para desenvolvimento do meu país, eu queria trabalhar no sector administrativo do meu país.

6-So conto com apoio no que diz respeito alimentação, mas em outras despesas não conto com apoio de ninguém tenho que labutar dia a dia para conseguir satisfazer as minhas necessidades.

7-Sim tenho, a fonte de renda que eu tenho que não seja trabalho formal, são apostas nas lotarias.

8-A atividade que eu tenho a desenvolver para permanecer até quando consegui o emprego trabalho como agente de pacote.

9-Os trabalhos informais que eu tenho desenvolvido durante esse tempo que já cito atrás não consegui satisfazer as minhas necessidades não é um rendimento estável.

10-Sim fiz concurso numa empresa privada mas, até agora não fui chamado estou a guardar.

11-No que diz respeito ao emprego eu queria empregar no aparelho de estado, porque qualquer funcionário tem orgulho de receber pensão depois de ser reformado

12-A falta de emprego está me afetando muito em termo econômico-financeiro, porque nesse idade precisa trabalhar e ganhar a remuneração para satisfazer as suas necessidades de dia a dia.